ANT
XVIII
134

R. 11. 628

POESIAS
DE
PAULINO
CABRAL DE VASCONCELLOS,
ABBADE DE JAZENTE.

PORTO:

Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
Anno de 1786.
Com licença da Real Meſa Cenſoria.

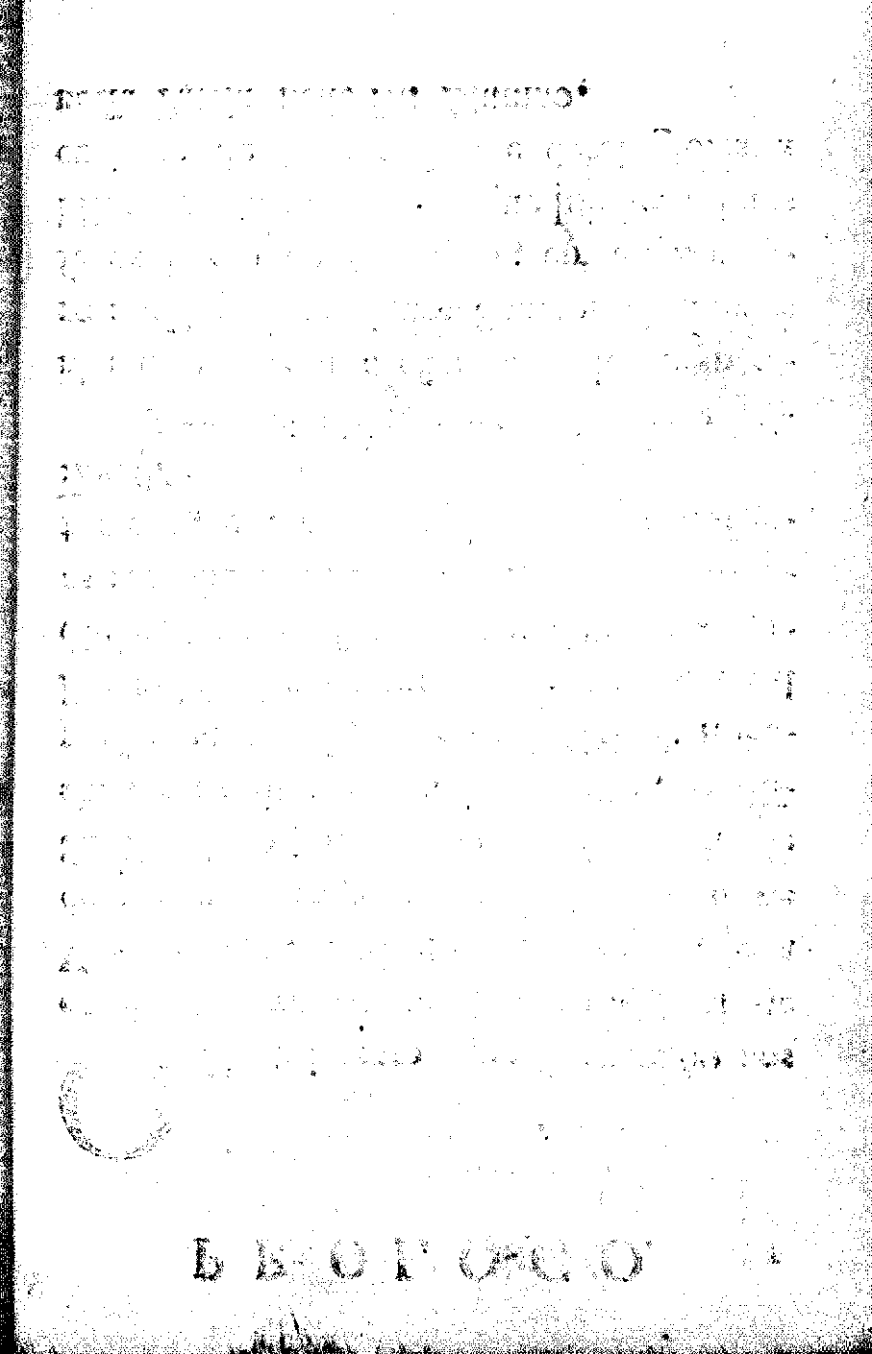
Vende-ſe em caſa de Bernardo Antonio Farropo, Livreiro, defronte do Chafariz de S. Domingos da Cidade do Porto.

BATTLE OF THE CENTURY

PROLOGO.

O Merecimento, que ſe encontra nos excellentes verſos de Paulino Cabral de Vaſconcellos, Abbade de Jazente, e a controverſia exquiſita com Theodoro de Sá Coutinho, me picou a curioſidade de ajuntar as ſuas obras. Truncadas, e diſperſas eu mendiguei com indizivel trabalho taõ bellas compoſiçõeſ: e com igual difficuldade perſuadi a ſeu Author a que as reconheceſſe, e em partes retocaſſe as informes, e erradas copias, que as desfiguravaõ.

Appeteci ultimamente adornar a minha eſtante com a eſtampa deſte genio raro: e bem que alguns Sonetos admiraveis ſe excluiraõ da collecçaõ; em a fazer pública eu me perſuado, que liſongearei aos curioſos de bom goſto, e darei gloria á noſſa Patria neſte ſeu Alumno.



SONETO.

DEſta vida a concorde variedade
Huma armonîa faz, como inſtrumento,
Que de diverſos ſons ferindo o vento
Fabrîca huma cadente ſuavidade.

Hum ſe occupa das Leys na ambiguidade:
Outro notando aos Céos o movimento:
O Soldado na guerra; e o Avarento
Das ſórdidas uzûras na impiedade.

He diverſo das Gentes o cuidado:
Fendè o Piloto o mar; e a terra fria
O robuſto Cultôr com curvo arado.

Eſte cáça, outro péſca, outro profía
No inſólito lavôr arrebatado;
Eu das Muſas invóco a melodîa.

SONETO.

LOnge, longe daqui vá toda aquella,
Que confórte, ou que livre quer q̃ a Gente
Lhe tribûte os encómios de prudente,
Lhe offerêça os elogîos de Donzella:

Naõ; naõ me chegue a lêr a que fingella
Julga, que em fer amante he delinquente:
Que naõ jóga, naõ dança, finalmente
Que outras prendas naõ tem, mais q̃ a cautella.

Eſſa, que eu naõ a culpo, eſſa que eſtûde
As maximas da honra, as Leys da fama;
E tenha para o mais o génio rûde:

Mas leia os verſos meus a gentîl Dama,
Que cônfeſſa naõ ter tanta virtude,
Que ſe atrêva a culpar de amôr a chãma.

SO-

SONETO.

EU que cantei na vêrde mocidade
Eſſa ardente paixaõ, que amôr ſe chama;
Que a tanto homem de bem, q̃ a tanta Dama,
Tira o repouſo, e rouba a liberdade:

Que cantei deſſe Nume ſem piedade
As ſettas, o carcáz, e aquella chamma,
Que abráza aos Sábios, q̃ os heróes in flãma;
Que accende até no Thrôno á Mageſtade:

Eu que da bella Nize o génio inquieto
Quiz me ſerviſſe no verdôr dos annos
Aos verſos meus de principal objecto;

Eu, conduzîdo em fim dos proprios damnos,
Mudei de aſſũpto; e em vêz de hũ louco affe-
Canto agora as lições dos deſenganos. (cto

SONETO.

HE rude o Lavrador; mas felizmente
Com idéas ſubtîs nunca eſcogîta,
Se há mais mundos do que eſte donde habîta;
Se animais nelles há, ſe há nelles gente.

Elle dos campos ſeus cuida ſómente;
A terra dura lávra; e naõ medîta
Se ella acaſo ſe móve; ou ſe ſe agîta
Na Eclîtica celéſte o Sól luzente.

Eſſas outras queſtoens que a noſſa idade
Nos traz por móda do ſombrîo Norte,
Entréga á mais ſubtil capacidade:

E contente por fim da ſua ſórte,
Aprende os documentos da piedade;
Ignóra o mais: e eſpéra affouto a morte.

SONETO.

DEpois que déſta Aldéa no retiro
A vide pódo, enxérto o Catapreiro,
Cultivo o meu Cazal, e do Ribeiro
Eu meſmo as agoas para o campo tiro:

Depois que a recolhêr ſómente aſpiro
Do meu trabalho o fructo verdadeiro,
Outros bens naõ pretendo, e dêſte Outeiro
Ao mundo enganador as cóſtas viro.

Procure-os quem quizer: E diligente
Para os lograr o mercador ouzádo
Traveſſe o mar, e outras Nações frequente,

As Côrtes paſſe; e em tudo afortunado
Titulos compre Illuſtres: que eu contente
Sem elles vivo aqui; mas ſocegado.

SO-

SONETO.

VOs q̃ o mundo regeis, Padres conscri-(ptos,
(O que em vos naõ invéjo) e q̃ prudentes
De prómessas encheis aos pertendentes,
E de esperanças vans aos Réos afflictos:

Vós que lêdes processos infinitos;
Que soffreis cavilózos requerentes;
Cartas, memoriaes impertinentes;
E por fim castigaes poucos delictos.

Vós ficai-vos em paz; porque occupados
Naõ deveis ser com clausulas escriptas
De quem sem pleitos vive, e sem cuidados.

Basta-me só que ás vezes nas vizîtas
As vêjaõ Petimetres namorados,
As ouçaõ sem desprêzo as Senhorîtas.

SO-

SONETO.

QUando contemplo o tráfico da vida
No bulicio da Côrte ſempre incérto,
Parece-me eſta Aldêa hum Céo abérto,
Livre de tanto engano, e tanta lida.

Quando vejo a idade ſubmergida
Paſſo no triſte horrôr deſte deſérto;
Do nêgro luto o coraçaõ cobérto
Os olhos meus a lágrimas convida.

Em nada encontro alivio: na Cidade
Me enfada a confuſaõ, e retirado
Das montanhas me aſſômbra a ſoledade.

Naõ tem mais q̃ affligir-me o duro fado;
Pois me faz com cruel contrariedade
Que viva em toda a parte magoado.

SONETO.

OH quanto vive alegre o que da Aldêa
A' rûſtica vivenda ſe accommóda;
A donde os campos lavra, as vides póda,
E em ſanta paz o ſeu Cazal grangêa.

Véſte o borél pelûdo, e naõ recêa
Que o culpe o mundo por faltar á móda;
E ſem que têma da fortûna a rôda,
Com goſto almóça, e com ſocêgo cêa.

Téme a Deos, téme ao Rey; e aſſim procura
Lograr dos annos ſeus o gyro inteiro,
Sem que o fim lhe anticipe a parca dura.

Até que em braços de hum fiel herdeiro,
Ouvindo o Crédo velho ao Padre Cura,
Morre feliz na fé do Carvoeiro.

SONETO.

AQui onde me trouxe o duro fádo
A paſſar o melhor da minha idade,
Naõ tenho mais que a bruta ſociedade
De algum tôſco Villaõ, que tange o gádo.

Tudo o mais he deſérto inhabitado,
Deſpenhos, precipicios, ſoledade,
Que ſó póde offerecer commodidade
Para algum infeliz deſeſperado.

Aqui ſobre huma pênha eſmorecido
Fico hum dia talvez, e em tal ſegrêdo,
Que até nem de mim meſmo ſou ſentido.

E entaõ, eſtupefacto, mûdo, e quêdo
Aſſi' eſtou de meus males atordido;
Qual junto de hum penêdo, outro penêdo.

SONETO.

DE que me vale a vida, ſe até agora
Só ſervio de occupar-me o ſoffrimento!
Melhor fôra que hum prompto acabamento
Me déſſe, a que me vio a primeira Aurora.

Se o naõ ſer he hum mal; deveſſe embóra
Hum fugitivo ſer ao naſcimento,
Porque ao menos me viſſe hum ſó momento
Entrar no mundo, e delle ſahir fóra.

Alma innocente o Letes tranſitára;
E aos Elizios alegre paſſarîa,
Sem ter queixas que dar da ſórte avára.

De enfados mil entaõ me izentarîa:
Porque lá cértamente naõ topára
Tanto Perálta, e tanta Senhorîa.

SONETO.

BRutos penhaſcos, ruſticas montanhas,
Medônhos boſques, hórrida mallêza,
Que me vêdes, cobérto de triſteza,
Saudozo habitador deſtas campanhas.

Para me ſuavizar mágoas tamanhas,
Alteremos hum pouco a Natureza;
Civilize meu mal voſſa dureza,
Barbarizai-me vós eſtas entranhas.

Meu pranto vos commôva algum affécto
De branda compaixaõ; pois da impiedade
Encontra ſempre em vós hum duro objécto.

Póde ſer, que com eſta variedade,
Seja mais agradavel voſſo aſpécto,
Sinta eu menos cruel minha ſaudade.

SONETO.

TEm hoje a noſſa Lingua tal decencia
Que nada ſem decóro pronuncîa;
De hum miſero voſſê, faz Senhorîa
De huma voſſa mercê, faz Excellencia.

Dos commodos marîdos a paciencia
Logra a nobre expreſſaõ de galhardîa;
Em vez de amor, nos diz galanterîa,
E o q̃ era mêdo hum tempo he já prudencia.

Em tudo o mais, com termos rebuçados
Brilha na locuçaõ a urbanidade;
Mas eu rûſtico ſou por meus peccados:

O nome ás couſas dou com claridade;
E fallando confórme os meus paſſados
Ao Cura chámo Cura, ao Abbade Abbade.

SONETO.

A Deos, ó Porto a Deos; fica-te embóra,
Que eu já naõ poſſo mais; porque me canſa
Tanto chá, tanto Wiſte, tanta dança,
E tanta couſa mais que callo agora.

Naõ era há pouco aſſim: tudo empeóra,
O bem ſe acaba, o mal raîzes lança;
E tem-ſe feito em tudo tal mudança,
Que até por novo eſtylo ſe namóra.

A Deos pois: porque o réſto de meus dias
Quero dar ás liçoens dos deſenganos
Sempre ſaudáveis, pôſto que tardîas.

A Deos cazas de brinco; a Deos enganos;
Chichisbéos, Excellencias, Senhorîas;
A Deos Ninfas gentîs, que fazeis annos.

SO-

SONETO.

AQui ſôbre eſta pênha, que defronte
Me fica do Maraõ, ſentar-me intento,
Para lançar ao mundo o penſamento
Antes que o Sól ſe mêtta no Orizonte.

Acolá vejo ao pé daquelle monte
De huma póbre corrente o naſcimento,
Que apênas déve á chûva hũ bréve augmento
Já quer ſer rîo, e deixa de ſer fonte.

Já tal eſtrondo faz, e tal balbórda,
Que tudo atrôa; e aſſim que o valle ganha
Logo ſe eſpalha, e toda ſe tresborda.

Enxáda, ſubmergir quer a campanha,
Sobérba, quer ſer már; e naõ ſe acórda
Que a mijou ainda há pouco hũa montanha.

SO-

SONETO.

FRequente-ſe o Theátro muito embóra,
As nobres aſſembléas, o paſſeio,
O baile, o jôgo, e todo o mais recreio,
Que faz a Portugal taõ culto agora.

Delle ſe lance o barbariſmo fóra,
Réſto infeliz do mauritano freio;
E devámos á França aquelle aſſeio
Que tanto os ſeus alumnos condecóra.

Se a móda o quer aſſim, calle a cenſûra,
Em quanto o Petimetre, e a Dama bella
Dança com galla, e canta com doçûra:

Que o que ſe diz por ahi de huma janella,
De hum caſo ſuccedido em noute eſcura,
E de outras couſas mais, he bagatella.

SO-

SONETO.

EM quanto to permitte a mocidade,
Teu Pay disfarça, tua Mãy conſente,
E em quanto, Nize a móda o naõ deſmente
Nos brincos gaſta a flôr da tua idade.

Jóga, dança, converſa, e a variedade,
Que cauſa tanta prenda, aſſombre a gente;
Deixa-te vêr, que o Século preſente
Hoje chama ao pudôr ruſticidade.

Os coraçoens de quem te applaude enlaça:
Desfruta o tempo: e tem por aforiſmo
Que o goſto he fugitîvo, a ſórte eſcáça.

Engólfa-te de amor no doce abyſmo;
Buſca o prazer; a vida alégre paſſa;
Logra-te em fim; que o mais he fanatiſmo.

SO-

SONETO.

PORtugal, que éra rûſtico algum dia,
Incivîl, trapalhaõ, mal amanhado,
Eſtá (graças á França) taõ mudado,
Que o meſmo já naõ hé, que ſer ſohîa.

A lingua, o trage, o trato, a groſſarîa
Dos antîgos coſtumes tem deixado:
Hé todo dôce, hé todo concertado;
E parece outro ſua Senhorîa.

Converſa, jóga, dança; e o novo enleyo,
Que entre os dous ſexos logra, hé taõ decen-
Que á ſátira mordaz tem pôſto hum freio. (te,

Vive agora hum marido mais contente;
Hum Pay ſem ſuſto; e todos ſem receio:
Ditoſa condiçaõ! Ditoſa gente!

SONETO.

ENxuga o pranto, ó Nize; e ſocegádo
Affouta moſtra o rôſto bello á gente;
Que hum ſucceſſo no mundo taõ frequente,
Naõ déve ſer por ti taõ lamentádo.

Tinha de ſer: tórne-ſe a culpa ao fádo:
Tudo ſe eſqueça, e viva-ſe contente;
Que em parte ſe confeſſa delinquente,
Quem naõ ſábe occultar o ſeu cuidádo.

Naõ tens que recear; que á mocidáde
Se perdóa hum deſcuido; e ſendo bella,
Até ſe lhe diſfarça huma maldáde.

A honra hé nome vaõ, que ſó diſvélla
As rûſticas vilãs: e a noſſa idáde
Tóma os caſos de amôr por bagatélla.

SO-

SONETO.

VInde cá, dôces Muſas, que ſómente
Divertir-me com vôſco agora intento,
Pois neſte ſolitário apartamento
Naõ he facil ſem vós viver contente.

Ao dôce ſom da Cîthara cadente
Daremos aos penhaſcos ſentimento,
Pulſando vós o harmónico inſtrumento,
E eu cantando o mal, que o peito ſente.

Tocai qu' eu principío: huma ſaudáde
Expreſſada nas frazes d' harmonía,
Compaixaõ ás montanhas perſuáde.

Mas ah! Quanto me engana a fantazía;
Pois movendo os penêdos á piedáde,
Movêr naõ ſei de Nize a rebeldía.

SONETO.

OU foſſe, Nize, em nós pouca cautella ;
Ou que alguem perſentiſſe o noſſo enleyo ,
Tudo ſe ſábe já ; tudo hé já cheio ,
Qu'algum cuidado há muito nos diſvella.

Dizem , qu'eu ſou feliz , que tu és bella;
E ás vêzes com ſatîrico rodeio ,
Hum murmûra , outro zomba , e ſem receio
A fama cada qual nos atropella.

Mas ſe nunca ſe tapa a boca á gente ,
E ſe amôr ſempre activo nos devóra ,
Porq̃ aquella he mordaz , porq̃ eſte ardente ;

Adorêmo-nos pois como até agora :
Siga-ſe amôr ; arraſte-ſe a corrente ;
E ſe o mundo fallar , que falle embóra.

SO-

SONETO.

PAſſa hũ minûto, hũ quarto, hũ hora, hũ (dia,
Huma ſemana, hum mez, e hum anno paſſa;
E hé taõ tenaz a dôr, que me traſpaſſa,
Que hum inſtante de mim ſe naõ deſvia.

Tórna o Sól a gyrar, e a tyrannîa
Tórna outra vez da minha ſórte eſcaſſa;
Sem que o tempo, que as pênhas adelgaça,
Lhe poſſa amolentar a rebeldîa.

Corre hum luſtro, hũa idade, e finalmente
Corre huma vida; e a pena que me apûra,
Em tanta duraçaõ ſe naõ deſmente:

Hé ſempre a meſma; entendo, q̃ procura,
Se acaſo além da mórte hum peito ſente,
Deſcer tambem comigo á ſepultura.

SONETO.

FE're igualmente amôr o Rico, o Póbre,
O Môço, o Velho, em fim tudo ſujeita;
E ás vezes onde menos ſe ſuſpeita,
Arde mais vivo, quanto mais ſe encóbre.

Faz q̃ hum Heróe ao ſeu podêr ſe dóbre,
Que deſvaríe hum Sábio; e naõ reſpeita,
Nem da cabana a eſphera mais eſtreita,
Nem do Palácio o reſplendôr mais nóbre.

Nem dentro dos grilhões deh úa clauſura,
Contra os tiros cruéis do Aventureiro,
Encontra ſácro abrigo a formoſúra.

Rompe pelo impoſſivel derradeiro;
Combate as honras, a virtude apûra;
E aliſta por vaſſallo o mundo inteiro.

SO-

SONETO.

EU cômo, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que há de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonóro enleio.

A's vezes pésco, ás vezes jógo, ou leio,
E tôrres vãs tambem no vênto faço;
Depois me vou meter naquelle espaço,
Onde Descartes tinha o seu passeio.

De lá mil Orbes vêjo, e de improvízo
Soltando ao pensamento as vagas vélas,
Turbilhoens de crystal sem mêdo pízo.

E pondo-me por címa das Estréllas,
Descubro a terra em baixo, e me dá rizo
Contemplando do mundo as bagatellas.

SONETO.

DE textos o Theólogo munido,
De aforiſmos o Médico, e o Letrado,
De tanta Ley, tanto Doutor cercado,
Trazem o mundo todo confundido.

Os Bens, o Côrpo, a Alma, reduzîdo
Nos tem com mil queſtoens a tal eſtado,
Que o abſurdo mayor, ſe he diſputado,
Faz duvidôzo o ponto mais ſabîdo.

A verdade entre os táes ſe desfigura;
E das opinioens na competencia
Hé tudo incérto, e nada ſe ſegura.

Sem dûvidas em fim naõ há ſciencia:
Mas o mal hé, que nellas ſe aventura
A Fazenda, a Saûde, a Conſciencia.

SO-

SONETO.

NAõ hé ſó, que na Côrte ſe recrêa
Com nomes eſtrondóſos a vaidade;
Porque a ambiçaõ até na ſoledade
Emprêgos fórma, e titulos grangêa.

O Barbeiro hé Doutor na ſua Aldêa,
O Lavrador Morgado, o Cura Abbade;
E a Sobrînha, imitando as da Cidade,
Quer Senhorîa, e Dona ſe nomêa.

O Juiz do Concêlho hé reputado,
Como ſe foſſe hum Rey de Augûſta Stirpe,
E hé tîdo hum Eſcrivaõ por Magiſtrado:

E ſem que eſta illuſaõ ſe lhe diſſipe
Da fantaſîa vã, quer ſer tractado
Qualquer Capitaõ Mór, Conde de Lipe.

SONETO.

SE o génio a querer bem te perſuáde,
O génio ſegue ó Nize; que a belleza
Tributos tambem paga á Natureza
Nas humildes paixoens da humanidáde.

Reſpira: pois benigna a noſſa Idáde
Deſabáfos permitte á gentileza;
Que fôrça dar mais fôrça á chamma accêſa,
O negar-lhe de todo a liberdáde.

Cêda a glória ao amor: pois já taõ dúra
Se naõ ſóffre da honra a tyrannîa;
Apérta hum pouco ſim, mas naõ apúra.

E ſe amar crime foi em algum dia,
Tem hoje contra os gólpes da cenſúra
Em mais de hũ grande exemplo a apología.

SO-

SONETO.

JA' que eſta noite o ſomno ſe demóra
A entrar na ſolidaõ deſte apoſento,
Vamos por eſſe mundo, ó penſamento,
Antes, que o dia traga a rôxa Auróra.

Governemo-lo em ſecco: e delle fóra,
Como quem vê da praya o mar violento,
Dêmos a quem navéga arbitrios cento,
Que póde ſer, que algum lhe ſirva agóra.

Dizem por hi; que tudo o Inglez abráza
Em tantas Náos, como atéqui coſtúma;
Mas eu lhas fundirei dentro de Cáza.

Dem-me qualquer Rapaz, q̃ de hũa em hũa
Vá lançar no payol huma ſó braza;
Que eu lhe farei que todas lhas conſúma.

SO-

SONETO.

ENcoſta, Nize, a róca, e na coſtura
A agulha préga, ſem pêgar mais nella,
Que o contînuo lavôr, que te diſvélla,
Se hum tempo foi decóro, hoje hé loucura.

De noſſos bons Avós na idade dura
Se honrava n'almofada huma Donzella;
Porém hoje hé ſómente illuſtre aquella,
Que em vez de trabalhar, brincar procura.

O génio pois do Século preſente
Deixa correr; a elle te accomóda;
Que he Louca toda aquella, que o deſmente.

Jóga, dança, paſſeia, faze róda
Entre os Peráltas vaõs, e até conſente,
Que te fallem de amôr, que o manda a móda.

SO-

Ironia critica.

SONETO.

IDe, Damas do Pôrto, ide ao paſſeio;
Ao Theátro, ao Café, ao Jôgo, á Dánça;
Deixai-vos vêr, enchei-vos de eſperança,
E ſêde dôce objecto ao noſſo enleio.

Ide: que o tempo paſſa; e de eras cheio,
Se ſe naõ logra, nunca mais ſe alcança:
E talvez n' uma tîmida tardança
Se perde o inſtante d'um feliz recreio.

Ide, vinde, voltai; e o vaõ cuidado
De hum falſo pondonôr occupe aquellas,
Que tem huma Mãy féria, hum Pay pezado.

Ou fique para algumas taõ ſingéllas,
Que julgaõ naõ podêr tomar eſtado,
Depois que ſe desfazem de Donzellas.

SO-

Critica á perdiçaõ dos coſtumes.

SONETO.

SE a Mulher por naõ ſer Anacorêta,
Afaſtada do mundo, e tracto urbáno;
Se o Homem por civîl, palaciáno,
Saõ objécto da crítica indiſcréta:

Todo o genero humano entaõ ſe mêta
Nos Clauſtros do Buſſáco antes d'hum anno:
Mas o meſmo, que préga o deſengano,
Talvez naõ comerá taõ dura pêta.

Pois a naõ a comer; qual he o fructo
De ſeu conſêlho? Quanto a mim apóſto,
Que o triſte paga á Igreja o ſeu tributo.

Que quem com taõ ſofiſtico ſuppôſto
Neſte ponto argumenta; a naõ ſer bruto,
Hé ginja antigo, e dęſtes do meu gôſto.

SO-

Contra a critica do Auctor por hum Anónimo.

SONETO.

EU naõ digo que ſeja Anacorêta
A Mulher, nem que deixe o tracto urbáno;
O Homem póde ſer palaciáno,
Sem loucura ſeguir taõ indiſcréta.

Mas ſe tu tens mulher, diz-lhe ſe mêta
Neſſes tractos civîs; que antes de hum anno
O tempo te dará o deſengano,
Chorando ſem remédio a dura pêta.

Porém creio naõ heis de tirar fructo
De taõ juſto conſêlho; porque apóſto
Que pagas á vaidade hum graõ tributo.

Pratica as francezias; no ſuppôſto
De que á fôrça te queres fazer bruto,
E ſer meſmo Cornélio por teu gôſto.

SO-

Repoſta do Auctor.

SONETO.

OH vós, Sábios Varões, q̃ lá na Aldêa
Aos filhos lições dais de economîa,
E lhe enſinais, que a luz de huma bugîa
Faz deſpêza maior, que a da candêa:

Vós, que ao lûme comeis no invérno a cêa
De caldo de unto, e de batáta frîa,
Que tendes hum rôcim na eſtrevarîa,
E hum Moço ſó, que as hortas vos grangêa:

Vós fazeis muito bem, poupai, q̃ hé juſto;
Que hum Fidalgo talvez ſe condecóra
Em naõ cauſar aos ſeus Credôres ſûſto.

Poupai, e ſêde Illuſtres muito embóra;
Mas querer Senhorîa a pouco cûſto,
Iſſo ſe uſa no Pôrto, e naõ cá fóra.

SONETO.

MUſas trajai de luto deſcontentes,
E ſôbre as bórdas do ſobêrbo Douro,
Os inſtrumentos marchetados d'ouro
De algum trônco infeliz deixai pendentes.

As grináldas depônde, e as doutas frentes
Cingí de murta infauſta em vez de Louro;
Porque ſérvem as gálas de deſdouro,
Onde ſe vém as lágrimas deſcentes.

Em fim chorai, pois quiz a tyrannía
Do caſo mais cruél, que urdio o fádo,
Desfazer-vos do Pôrto a Academía.

Só reſervai por breve deſenfádo,
O podêr de rebuço ir algum día
Ouvir tocar vióla o Corcovádo.

SONETO.

INunde o már as áridas campanhas;
Trêmaõ os Reynos, tombem-ſe as Cidades;
E ferida de mil iniquidades,
Revôlva a terra as trémulas Entranhas.

Funda-ſe o mundo em fim, q̃ iras tamanhas
Saõ menores, que as noſſas impiedades:
Sepulte de huma vez tantas maldades
Do Abyſmo a boca, a quéda das montanhas.

Mas que rebélde eu ſou! que delinquente!
Porque vejo, ó Senhor, e naõ me eſpanto,
Gemêr em convulſoẽs o Continente.

Que ſe há de eſperar mais, ſe aſſombro tanto
Os montes móve, e naõ commóve a gente?
Dévem os homens carecer de pranto.

SO-

Ao Terremóto de 1755.

SONETO.

QUe eſcuto, e ſinto, ó Deos! Naõ ſey q (ſôa
Por modo nunca ouvido: o Téjo creſce:
Abállaõ-ſe as montanhas; e parece,
Que o már com nóvas ôndas nos atrôa:

Caſas, Palácios, Templos deſpovôa
Eſte medônho ſom, que me eſmorece:
A gente paſma, a terra ſe eſtremece:
O fogo prende; e funde-ſe Lisbôa.

Que ſerá? Quem o ſabe?.. O entendimento
Se perturba de horrôr; e em tanto eſtrágo
Eſtá vendo hum final acabamento.

A' Liſia! queira o Céo que hoje preſágo
Naõ ſeja o combatido penſamento!..
Lembre-te Tróya, aviſe-te Carthágo.

SONETO.

GEme o Centro mortal, o Abyſmo eſtálla;
O Vênto ſe enfurece, o Céo ſe enluta;
Do mais enórme pêzo a maſſa bruta
Rómpe em ſoluços, em tremôr ſe abálla.

O már o ſeu prefixo termo eſcálla;
Na priſaõ ſubterranea o fogo luta,
E horrôres vomitando em cada gruta,
Com medônho eſtridor o Inferno falla.

Tanta deſordem, tanto deſconcêrto
Nos Elementos todos, ſaõ indício,
Que a ruína univerſal vém já mui pérto.

E o mais cérto ſignal do precipicio,
Hé creſcer ſem temôr o deſacêrto,
E ſubír nos mortaes ſem têrmo o vicio.

SONETO.

SE neſſe dia em fim, que hum anno agóra
Completa infauſto, a diſcorrer me pônho,
Parece que deliro, finjo, ou ſônho;
Todo ſuſpenſo, todo de mim fóra.

Do Juizo univerſal a infeliz hóra
Foi retrato taõ vivo, e taõ medônho,
Que até ſe ouvía ao longe o ſom triſtônho
Da trombêta fatal deſpertadôra.

Hum anno há que bráda a Providencia
A Portugal: e Portugal naõ tóma
De Sodôma, e Nínive a experiencia.

Acabe pois, que a vára já ſe aſſôma,
De Nínive a imitar a penitencia
Por fugir aos eſtragos de Sodôma.

SONETO.

EStes da terra barbaros tremôres
Fazem que evite arrependida a gente,
Os jogós vãos, a muſica cadente,
As bellas Venus, os gentiz amôres.

Todos mudaõ de vida nos horrôres
Deſte caſo infeliz; e taõ ſómente,
Cingido de cilício penitente,
Envia o mundo ao Céo triſtes clamôres.

Sigamos pois com animo devóto
Os meſmos movimentos de piedade,
Que dos mais homens na mudança nóto.

Rompamos os enleyos da vontade;
Mas ay que em ſe acabando o Terremóto,
Eſquece-ſe o temôr, lembra a vaidade!

SO-

SONETO.

DOrme em pobre aduár ; porém ſem ſuſto
Tremer a Terra o vágo Arábe ſente :
Na Cenzália o Tapúya ; e dócemente
Na tôſca tenda o Tartaro robuſto.

Fabríca cada qual repáro juſto
Já contra o frio , e contra a calma ardente;
Sem que eſta , que ſe chama inculta gente ,
Têma o deſpenho do Palacio Auguſto.

Aſſim , douto Azevedo , hoje te enſína
A rûde convulſaõ , que o mundo abána ,
A ſeguir dos Salvagens a doutrína.

Na chóça eſtá ſegura a vida humana :
Nella deſcança ; pois que da ruína
Se livra por humilde huma Cabána.

SONETO.

EU bem ſei, Portugal, que tu naõ quéres
Que ninguem te deſcubra as tuas faltas:
Tu folgas de prazer de gôſto ſaltas;
E diſto as conſequencias naõ inféres.

Vês homens miſturados com mulhéres
Em banquetes, em jógos, dançàs altas;
Ellas na caſquilhice mui Peráltas,
Elles na chibantice todos éres.

Ah pobre Portugal! Muito me eſpanto,
No que nóto no teu contentamento,
Devendo ſer em ti contínuo o pranto.

Eu bem ſei, que o reſpeito hé muito attento;
Mas ſempre há de cahir, quem naõ fôr Santo,
Ou por obra, palavra, ou penſamento.

SONETO.

A Manhã frêſca eſtá, ſerêno o vênto;
O monte vêrde, o rio tranſparente,
O boſque amêno; e o prádo florecente
Fragáncias exhalando cento a cento.

O Peixe, a Ave, o Bruto, o branco Armento,
Tudo ſe alegra; e até ſahir a gente
Dos ruſticos caſaes ſe vê contente,
E diſcorrer com vário movimento.

Eſte cáva, outro ceifa, e aquelle o gádo
Traz no campo a paſtar de pôſto em pôſto;
Outro péga na fouce, outro no arádo.

Tudo alegre ſe moſtra; e ſó diſpôſto
Tem contra mim o indiſpenſavel fádo,
Que em nada encontre allívio, em nada gôſto.

SONETO.

OH quanto cuſta, Nize, o noſſo affecto!
Peleija-te huma Mãy, ralha huma Tía;
Hum Irmaõ te incommóda, e deſconfía
Hum Pay, que ſe accautela circumſpecto.

Da noite nos põem mêdo o negro aſpecto,
Hum Rebuçado paſſa, outro aſſovía;
Ládra hum caõ, range a porta, e nos vigîa
Algum viſinho teu pouco ſecréto.

Eſte o diz a qualquer; outro lhe augmenta
Hum ponto mais, que ao noſſo caſo ajuſta;
Outro em fim na paleſtra o repreſenta.

Publíca-ſe o ſucceſſo; e a ſorte injuſta
Com remórſos depois nos atormenta:
Oh quanto, Nize, o noſſo affecto cuſta!

SONETO.

NIze, eu naõ ſou de férro, e atenuádo,
Ainda que o fôra, o uſo me tería;
Porque em fim do trabalho na porfía
Se conſóme o metal mais obſtinádo.

Inſtrumento naõ há taõ reforçádo,
Que reſiſta do tempo á bataría:
Gaſta o martello a ſáfra, e a terra fría
Pouco a pouco conſóme o curvo arádo.

Tudo aſſim he: o amôr o mais ardente,
No contínuo incendio ſe evapóra;
E o meſmo me accontece ultimamente.

Outro procura pois; e te melhóra
De amante, ou mais affouto, ou mais valente;
Que eu já naõ poſſo mais; fica-te embora.

SO-

SONETO.

NIze, fica-te em paz: que ou tarde, ou cêdo
Se havia de deixar tanta loucúra;
E o mundo obſervador, que tudo apúra,
Seja a quem fôr, naõ quer guardar ſegrêdo.

Todos fazem reparo; e eu tenho mêdo
De ſer objecto da mordaz cenſúra:
Hum, de nós ſe laſtíma, outro murmúra
Outro zõba, outro em fim nos móſtra ao dêdo.

Naõ dêmos que fallar: rôta a corrente
Se pendure no Templo da decencia;
E ſe tape com iſto a boca á gente.

E ſe inda algum gritar, haja paciencia;
Que fazendo-ſe a emenda aos mais patente
Baſta a vencêllo a fôrça da innocencia.

SONETO.

CAlmou-ſe o Vênto: e o Sól, q̃ as horas (guía,
Com fôrça tal por toda a parte intéſta,
Que o triſte Lavradôr limpando a téſta
Reſiſtir já naõ póde ao meio día.

Cada qual dos ſeus ráios ſe deſvía:
Na Lápa o peixe, a Ave na floréſta,
Na cóva o bicho; e os homens vaõ da féſta
Refúgio procurar na ſômbra fría.

Hũ ſe encóſta, outro aſſenta, outro deitado
Da rélva faz colchaõ, do Campo leito:
E tudo á frêſca dórme ſocegado.

Eu taõ ſómente todo o abrigo engeito;
Porque ás chammas de amôr acoſtumado
Sinto maior calôr dentro no peito.

SONETO.

OLha Nize, vém cá; fallemos cláro:
Já agora a tua hiſtoria eſtá ſabída;
E loucura ſerá mudar de vida,
Se nunca há de callar-ſe o mundo aváro.

Inda que, de virtude exemplo ráro,
Te moſtres do paſſado arrependída,
Nada com iſſo alcanças; que perdída
A honra huma ſó vez, naõ tem repáro.

Se faltás-te ao devêr, e a ſorte eſcura
Etérna nódoa ſobre ti derrama,
O affecto ao menos conſervar procura.

Tórna outra vez de amor á dôce chamma;
Que ſerá duplicar a deſventura,
Perder o Amante, e naõ cobrar a fáma.

SO-

SONETO.

EI-lo lá vém; que já na ſômbra fría
Se eſconde alli daquella vêrde planta;
E apênas abre o bico, e a voz levanta,
Objécto hé de temôr, e zombaría.

Téme o Caſado o mal, que lhe annuncía;
O ſolteiro ſe rí: pois quando canta,
Se com preſagios ao primeiro eſpanta,
Aviſos gratos, ao ſegundo envía.

Chóte d'ahi, Ave importuna, e feia:
Vai-te pouſar em ramos mais ſubídos,
E deixa em paz os matos deſta Aldeia.

Lá tens do Douro os Alamos creſcídos,
Onde gente polída ſó paſſeia;
E onde agouros naõ crêm tantos marídos.

SONETO.

NAõ ſe déve eſtranhar a quẽ murmúra:
Foi ſempre o mundo aſſim; e a noſſa idáde
Produz com infeliz fecundidáde
Gente que tudo róe, tudo cenſúra.

Para os quaes naõ há couſa mais ſegúra
Que moſtrar á mordáz malignidáde,
Que me ſei emendar, ſendo verdáde,
Que a poſſo deſpreſar ſendo impoſtúra.

Na emenda a ficar venho melhorádo;
Ayrôſo no deſprêſo: e conſeguído
Tenho ſempre algum bem ſendo notádo.

E aſſim hum fallador enſurecído
Em vez de dar-me cauſas de indignádo,
Me miniſtra raſões de agradecído.

SO-

SONETO.

OH mal haja da França a habilidáde,
Que aſſim nos impingío os ſeus coſtúmes
Nas merendas, nos jógos, nos perfúmes,
Com que vai eſtragando a mocidáde.

Andarem de contínuo em ſociedáde
Os homens, e mulheres em cardúmes,
Sem cautélas, receios, nem ciúmes;
E aiſto haõ de chamar civilidáde!

Olhai, homens coitados, a quem tõca
Zelar a propria honra com diſvéllos,
Que a experiencia a todos vos convóca:

Vigiai, e vereis, que eſſes Marnéllos
Naméraõ com os olhos, com a bôca,
Com os pés, com as mãos, e cotovêllos.

SONETO.

ESta, que obrou aonde naſce a Auróra,
Déſtro lavôr de barbara Donzélla;
Eſta, ó Taveira, matiſada ourélla
Deſenróla outra vez como até agóra.

Adórne os Pavilhoens, que amor arvóra,
E em teu podêr acêne á Ninfa béllа,
A' Matrôna gentil, e em fim áquélla,
Que ao longe vês, e enclauſuráda móra.

Recébe-o pois, que hé teu: e ſe a ventúra
Te deparár encôntros mais felíces
Com elle enxúga o rôſto da ternúra.

Porque a mim, a peſar dos ſeus matízes,
Só ſervío, maculando-lhe a figúra,
De limpar o tabaco dos narízes.

SO-

SONETO.

SE acaſo dos meus olhos a corrente,
Que triſte ás minhas vózes ſe miſtúra;
Se acaſo o affecto meu te naõ ſegúra,
Abre-me, Ingráta, abre o peito ardente.

O coraçaõ me arranca, e o ſangue quente
Lhe derrama cruél, lhe ſórve impúra;
Verás que em cada gôta entaõ te júra
O amor mais firme, a fé mais permanente.

E ſe ainda aſſim, eſſe teu génio ingráto
Duvidár com incrédula impiedáde
Da conſtante purêza do ſeu tracto;

Vai queimállo nas áras da lealdáde;
E verás como o fumo aos Dêozes grato,
Se eleva aos Céos, guiado da verdáde.

SONETO.

OU tu ſoffre, Senhôra, o noſſo affécto;
Ou deixa de ſer bella, na certeza
Que em quanto te aſſiſtir tanta belleza,
Os teus láços traráõ o mundo inquiéto.

Naõ querer ſer amada, hé hum projécto,
Que offende as meſmas Leis da Natureza;
Pois ella ſó produz a gentileza,
Para a fazer de amôr hum dôce objécto.

Dos noſſos cultos pois intolerante
Naõ déves ſer; porque he penſaõ forçóza
Render á formoſúra a fé conſtante.

E ſe inda aſſim nos culpas rigoróſa;
Conhece, que ſe hé críme o ſer amante,
Será tambem delicto o ſer formóſa.

SO-

SONETO.

JUrou-me, Nize, hum dia, e na lembrança
A grande imprecaçaõ tenho preſente;
Jurou-me que a partiſſe hum raio ardente,
Se houveſſe de fazer no amôr mudança.

Affirmou-mo com tanta ſegurança,
Diſſe-mo taõ devéras, que eu contente
Cuidei que aſſim ſería, e finalmente
Puz de parte a fiél deſconfiança.

Mas enganou-me a falſa; ſem que irádo
Contra a gentíl ſacrílega perjúra
Fulmíne o Céo o fogo deprecádo.

Pois que dar-lhe o caſtigo naõ procúra;
Ou Jupiter naõ póde, ou namorádo
Tambem guarda reſpeito á formoſúra.

SONETO.

A Corrente cruél, com que até agóra
Amôr prêzo me traz, por mais que eu fáça,
Nem com o uſo os élos adelgáça,
Nem com a lima em parte ſe minóra.

O tempo que até mármores devóra,
Que tudo róe, que tudo deſpedáça,
O tempo digo, o tempo em fim ſe páſſa,
Sem que da planta má ſaçûda fóra.

Bronte aduſto a forjou na frágoa accêza,
A donde o cégo Nume outras tem feito,
Mas nenhuma com tanta fortalêza.

Porque quiz por deixar-me mais ſujeito,
Batêr hum férro de maior dureza;
E Nize lho inçulcou dentro em ſeu peito.

SONETO.

AMôr, hé hum arder, que ſenaõ ſente;
Hé ferída, que dóe, e naõ tem cúra;
Hé fébre, que no peito faz ſeccúra;
Hé mal, que as fôrças tira de repente.

Hé fôgo, que conſóme occultamente;
Hé dôr, que mortifica a Creatúra;
Hé áncia a mais cruél, e a mais impúra;
Hé frágoa, que devóra o fogo ardente.

Hé hum triſte penár entre lamentos;
Hé hum naõ acabár ſempre penando;
Hé hum andar mettido em mil tormentos.

Hé ſuſpíros lançár de quando,em quando;
Hé quem me cauſa eternos ſentimentos;
Hé quem me mata, e vida me eſtá dando.

SONETO.

O Dia vai perdendo a claridáde,
O gado deixa o paſto, e ſe eſpaventa;
A ave incérta vôa, e ſe affugenta,
Agourando a pendente tempeſtáde.

De hum medônho pavôr a ſoledáde
Parece que ſe cóbre: chóve, venta,
E em relampagos trémulos rebenta
Daquella núvem nêgra a eſcuridáde.

Acolá deu hum raio, que aturdído...
Mas lá vem Nize, e vem com tal cuidádo,
Que bem moſtra o temôr... Tenho entêndíde.

O mêdo a trás: e eu ſou taõ deſgraçádo,
Que para vêr-me a ella hum pouco unído,
Hé preciſo, que encontre o Céo iráco.

SONETO.

TU queres, Nize, oh quanto pódes, quanto
Sobre o ſacro podêr da liberdáde!
Tu queres, que a chorada falſidáde
Se deſdiga outra vez em novo canto.
Que o mundo tórne a ouvir, com mudo eſ-(panto,
Chamar-te em vez de falſa, Divindáde?
E em lugar de culpar-te a variedáde,
Dizer que ſempre foſte o meu encanto.

Aſſim ſerá, ſe ficas bem comígo:
A vergônha, o dever rompe, e atropélla;
Que eu me ſujeito a tudo por caſtígo.

Oh vós, que já me ouviſtes ſem cautéla
Contra Nize gritar; eu me deſdígo:
Se faço mal, naõ ſei; ſó ſei, que hé bella.

SO-

SONETO.

EU ví fender ſem mêdo o ráyo ardente
Daquella tôrre a abóbada ſombría,
E tanto eſtive em mim, que, me ſorría,
Quando ſe lamentava a mais da gente.

Eu nem ſei ſe atrevido, ou ſe valente
A vî tremer naquelle infauſto día,
Que moſtrava, que a terra ſe fundía,
Ou ſe deſconcertava o Céo luzente.

Qualquer extraordinário movimento
Primeiro pelo eſtudo contempládo,
Já me naõ ſobreſalta o encantamento.

Sómente de pavôr fico aſſombrádo,
Páſmo, fóge-me o ſangue, e deſalento,
Quando ſinto de Nize hum deſagrádo.

SONETO.

SEnhôra Nize, a verde mocidáde
Já lhe tem ditto a Deos, tenha paciencia;
Porque Dama naõ há, que reſiſtencia
Saiba fazer dos annos á crueldáde.

Tudo o tempo deſtróe: e eſta verdáde
Principía a chorar voſſa Excellencia;
Quando naõ, metta a mão na conſciencia,
E moſtre a certidaõ de ſua idáde.

Deixe-ſe pois de entrar nas Danças altas,
De aſſembléas, de jógos; finalmente
De ouvir Cadêtes, e eſcutar Peráltas.

Olhe que já por hi murmúra a gente;
E lhe diz que depois de cértas faltas,
O ter ſóbras de amor fica indecente.

SO-

SONETO.

DEraõ-te Illuſtres Pais, bello Innocente,
Do ſangue que te anima o movimento:
Deu-te hum Principe a maõ no Sacramento,
Que outro ſêr te formou mais permanente.

Do Eſpirito Celéſte a chamma ardente
Te faz maior no dia o luzimento:
Tudo em fim grande foi, porque portento
O mundo já do bêrço te exprimente.

Vaticine-te logo o vágo engénho
Felicidades mil; pois neſte día
Por ti já moſtra o Céo taõ raro empénho.

Mas aonde me leva a fantazía!
Se a fortuna fará no deſempénho
Diminúta a mais grande profecía.

SO-

Ao Naſcimento do Primogénito de Theotónio Manoel de Magalhaens e Azevedo, de quem foi Padrinho o Sereniſſimo Senhor D. Joze Primáz de Braga.

SONETO.

HUm homem com hum chambre roçagante,
Com óculos, chinellas, e barrête,
Sentado em hum pequeno tamborête,
Quatro livros de trás em huma eſtante:

E tendo pela parte de diante
Vários Feitos mui velhos n'hum bofête;
Tambem, para chamar pelo Paquête,
Campainha que tóque a cada inſtante:

Na ſalla ſeis cadeiras encouradas,
Tinteiro muito bem aparelhado,
Humas Ordenaçoens muito cotadas:

Fingir-ſe a quem entrar muito occupado;
Olhar ſe ſóbe alguem pelas eſcádas;
Eis-aqui, meus Senhores, hum Letrado.

SO-

SONETO.

EU que me rí dos vaõs encantamentos,
Que a Mágica ſagaz nos promettía,
Das cífras vãs, das ervas que colhía,
E dos ſeus infiéis promettimentos.

Que tive por goſtózos fingimentos
Os bens, que aos ſeus alumnos offerecía;
Em fim, eu que fiz ſempre zombaría
Dos apparátos ſeus, dos ſeus protentos:

Eu mudei de ſiſtêma; pois me obriga
A verdade a que creia eſſes eſpantos,
Que nos guardou tenaz a idade antiga.

E ſe alguem duvidár de aſſômbros tantos;
Ouça cantár a Arminda; e depois diga,
Diga, ſe hé certo, ou naõ, haver encantos.

SO-

SONETO.

QUe ſe lhe há de eſperar! De día, em día
Naõ ſe dilate, ó Nize, a penitencia;
Que quando hé contumaz a reſiſtencia,
Deſabôna o perdaõ na rebeldía.

Deixe-ſe o antigo enleio; que ſería
Inſultar todo o Céo na preſiſtencia;
E o remorſo ſubtíl da conſciencia
Rôa em fim o grilhaõ, que nos prendía.

Eu reſolúto eſtou; porque contrário
Naõ quero ſer á voz, com que a piedáde
Branda me báte ao peito temerário.

A Deos! Viva a razaõ, morra a vontáde:
Fallou-me ao Coraçaõ o Miſſionário,
As vozes ainda eſcuto da verdáde.

SO-

SONETO.

EMbóra jácte hũ Sábio hũ firme alento,
Hum coraçaõ robuſto, huma alma fórte,
Capaz de deſprezar da infauſta ſórte
O mais feroz, o mais cruél tormento.

Sobre os hombros do mudo ſoffrimento
Do fado iníquo as ſemrazoens ſuppórte;
E veja, ſem pavôr da eſcura mórte,
Fundír-ſe o chaõ, cahír-ſe o Firmamento.

Eu tudo lhe concêdo; unicamente
Lhe péço, que contemple hum breve inſtante
Dos olhos de Beliza a luz ardente.

Depois ſe a reſiſtír-lhe for baſtante,
Rômpa as artérias, Sêneca prudente;
Trague a Cegúde, Sócrates conſtante.

SO-

SONETO.

ASsim que hum homem naſce, principía
Eſta vida infeliz com tal quebranto,
Que parece que o Géo, ainda que Santo,
Só para o vêr chorar no mundo o cría.

Abre os olhos mortaes, mas deſconfía
Na ſuſpenſaõ do ſeu primeiro eſpanto,
Se he para os encher de triſte pranto,
Se para receber a luz do día.

Nenhum ſe izênta deſta ley taõ dúra;
Pois com preſagio infauſto a ſórte avára
Logo ao naſcer as lágrimas apúra.

Só tu de excélſos Pays, Próle preclára,
As déves enxugar, porque a ventúra
Triunfos mil n'eſte arco te prepára.

E SO-

A hum Arco, que ſe levantou ao Naſcimento do Primogénito de Manoel Cardózo de Loureiro Vaſconcellos e Lacerda.

SONETO.

DEvêis, Infante bello, o naſcimento
Ao Conſorte da Virgem Sacro-Sancto;
Porque, para formar prodigio tanto,
Vos deu ſeu Patrocinio hoje o alento.

Devêis a glória toda do Portento
A' Protecçaõ feliz do grande Santo;
Porque junctos vos deu com noſſo eſpanto
O dia, o luſtre, o nome, o luzimento.

Mas de quanto devêis, a conjectúra
Preſume com diverſa ſubtilêza,
Que querêis com o Céo fazer uzúra;

Pois devendo a Jozé tanta grandêza,
Tendes no meſmo empenho mais ſegúra
De graças immortais maior riqueza.

SO-

Ao meſmo aſſumpto, com a circunſtancia de naſcer em dia do Patrocinio de S. Jozé, e pôrem-lhe o meſmo nome.

SONETO.

CReſcei Jozé gentíl, as nóbres frêntes
Aos egrégios Loureiros preparando,
Que para vos ornar foraõ cortando
Os voſſos ſempre cláros Aſcendêntes.

Creſcei felíz, as pálmas innocêntes
A deſpender riquezas enſaiando,
Que os Vínculos agora deſcançando
Eſtaõ no ſucceſſôr já permanêntes.

Em fim creſcei; moſtrando produzída
Agraça, neſſe aſpecto ſempre púra;
A virtude, neſſa Alma ſempre unída.

Serêis, (pois tudo o Céo vos aſſegúra,)
Serêis da bella Mãy prenda querída,
Serêis do Illuſtre Pai glória ſegúra.

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

CReſcei forte, gentíl, preclaro Infante;
Creſcei, moſtrando já, com raro effeito,
Do egrégio Pay o animo no peito,
Da excélſa Mãi, a graça no ſemblante.

Alcides fez o meſmo; e foi baſtante
A deixar vêr, ao bêrço inda ſujeito,
Que pára ſer Heróe o havia eleito
Deſde as fáxas pueríz o Céo brilhante.

Vós o imitáes, Menino: e por certêza
De ficar vaticínio, a conjectura
Vos abôna o valôr, e a gentilêza.

E tanto eſta eſperança ſe ſegúra,
Que já fazêis amavel a vivêza,
E oſtentáis reſpeitada a formoſúra.

SO-

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

POrque inventou fazer d' Alma notória
Qualquer occulta ídéa em bréve eſcrípto,
Naõ devêra eſperar o Heróe do Egípto,
Nem ſómente hum louvor da douta hiſtória.

Deſſa ſua invençaõ lhe rouba a glória
O fazer do papel largo deſtríćto
Para tantas traições, cujo delícto
Lhe deixa deteſtavel a memória.

Expõem-ſe a mil deſaſtres, e ſujeito
Vive todo o ſegrêdo a ſer patente;
Que ás letras confiou léve conceito.

Hé Nize diſto a prova: incautamente
Sobre hũ papel lhe expuz todo o meu peito;
Ella o moſtrou: foi Cadmo * o delinquente.

SO-

* *Cadmo enſinou aos Gregos o uſo do Alfabeto.*

SONETO.

MUſas, deixai-me em paz, q̃ a heróica (harmonía,
Cõ q̃ adornais de novo a lingua Portuguêza,
Dos rudes lábios meus mettida na durêza,
Em vez de conſonancia horrores cauſaría.

De engénho mais feliz occupe a valentía
Métro, q̃ de hũ Heróe tẽ nome, e tẽ grãdêza;
Que eu para me ſurrir d'algũa louca emprêza,
Nos numeros da Pátria encôntro a melodía.

Mas ſe vós pertendeis cõ temerário intento
Lançar do ſácro monte aquelles vérſos fóra,
Que fazem immortal o Luzo atrevimento;
Que cõduzindo o Gama ás Regiões d'Au- (róra,
Lhe ſaõ da gloria ſua etérno monumento:
Muſas, ſe tal querêis, fique-ſe o Pindo ẽbóra.

SO-

Aos vérſos Alexandrinos.

SONETO.

Mertilo. NIze, de duas hũa; pois ſería
Continuar na noſſa oppoſta emprêza,
Em mim, mais do que exceſſo de finêza,
Em ti mais que rigôr de tyrannía.

Ou eu dêvo deixar eſta porfía,
Ou tu déves depôr tanta ferêza:
Eſcolhe, evitarêmos a incertêza
Se póde mais o amor, ſe a rebéldía.

Nize. Se o teu empenho ſó niſto conſiſte,
Eu o tenho que fiques ſatisfeito
Da queixa, que contrária nos aſſiſte.

Naõ déve o teu cuidado ſer acceito;
Porque quem na finêza naõ perſiſte,
Naõ póde ter paixaõ de amor perfeito.

SONETO.

A Deos (que triſte a Deos!) A Deos ó (vída,
Que aſſim o determina a dura ſórte:
Naõ há mais que eſperar; o fatal córte
Executa o precizo da partída.

Naõ tem remedio: eu vou, prenda querída,
Sentindo dentro n'alma a dôr mais fórte:
Eu naõ ſei como há peito que ſuppórte
A vehemencia cruél deſta ferída!

O' vós que amantes ſôis, e q̃ a violencia
Sentiſtes de hum retíro, por piedáde
Fazei-me no meu mal correſpondencia.

Dizei-me, ſe haver póde mais crueldáde,
Que padecer o gólpe de huma auzencia,
Quem ſábe ſentír bem huma ſaudáde.

SO-

SONETO.

EU bem as ví, mas foi, Rócha erudíto,
Arrotar taõ de xófre d'entre o máto,
Que o Caçadôr hum pouco eſtupefácto,
Em lugar de atirar-lhe, deu hum gríto.

Paſſáraõ-ſe depois a tal Deſtríćto,
Donde apenas trepar podéra hum gáto;
Sem fallar no deſconto de hum regáto,
Que reſiſte ainda aos ſáltos de hum cabríto.

Niſto chegou a noute: e ao outro día,
Ou porque o caõ levava máos narízes,
Ou porque alguma Vélha nos benzía;

Corrêmos ſem topallas mil Paízes:
Bem ſei que iſto ao primôr me naõ deſvía,
Mas eſta hé toda a hiſtoria das Perdízes.

SO-

SONETO.

AH pobre Coraçaõ como no peito
Palpitas, ainda amante d'huma Ingráta,
Que com tantos deſprêzos te maltrácta,
Que tantas falſidades te tem feito!

Inda eſcrávo fiél vás com reſpeito
Ás corrêntes beijar, que amôr deſáta;
E a barbara infiél, que aſſim te trácta,
Rindo alegre de vêr-te taõ ſujeito.

Ora acábe huma vez pena taõ dúra,
Sem que o teu movimento deſcompônha
Huma céga paixaõ que há tanto dúra.

Hum firme deſengano te diſpônha
A deixar de huma vez eſta loucúra,
Quando naõ por vontade, por vergônha.

SONETO.

BRuta montanha, barbaro rochêdo,
Altas penhas, medônhos precipícios,
Do templo do deſpenho fronteſpícios,
Ou rudes ſimulácros do ſegrêdo:

Aqui donde o pavôr, e donde o mêdo
A' viſta off'recem fúnebres indícios;
E para os mais infauſtos ſacrifícios
As aras fórmaõ de qualquer penêdo:

Aqui de Lizia ingrata abandonádo,
Funéſta habitaçaõ hé bem que ténha
Triſte, ſaudozo, amante, e deſgraçádo.

Só aſſim minha dôr ſe deſempénha:
Porque poſſo encontrar deſeſperádo
O remédio a meu mal em cada pénha.

SONETO.

SE o ſeu deſtino cada qual formára;
Mil capríchos no mundo entaõ vería;
Víra hum Rey que a Paſtôr ſe abatería;
E hum Paſtôr, que a ſer Rei ſe ſublimára.

Modéſto algum as pompas deſprezára;
Outro ſobêrbo as honras buſcaría:
Eſte deſcêra, aquelle ſubiría;
E outro a ſer o que foi talvez tornára.

Eu meſmo, bem q̃ em pouco me magôa
O que a ſórte me deu taõ triſte eſtádo,
Eu meſmo mudaría de peſſôa.

Fôra Fráde talvez, talvez Soldádo;
Tudo o mais fôra (Nize em fim perdôa)
Mas naõ ſería em tempo algum cazádo.

SONETO.

SE a vista lanço á Trópa Portuguêza,
Se ao Lusitano estudo o pensamento,
Naõ sei julgar se as Armas de ornamento,
Se ao Reino as letras servem de defêza.

Parece que, mudada a naturéza,
Equivócaõ de sorte o luzimento,
Que as Esquadras ás Leis daõ fundamento,
Que a Sciencia á Milícia dá firmêza.

A uniaõ foi feliz, e taõ preclára,
Que ao Patrôno immortal, porquem floréce,
A glória augmenta sim, mas naõ sepára:

Com igualdade tal se enláça, e créfce;
Que Marte a seu saber glórias prepára,
Apólo a seu valor palmas off'réce.

SO-

Ao M. do P.

SONETO.

VInde nóvos Heróes, vinde, e as Cor- (rêntes
Salvai triunfantes do ſobêrbo Douro:
Elle vos vio partir, e ſem deſdouro
Elle outra vez vos vê voltar contêntes.

Venceſtes o Heſpanhol; cingí as frêntes
Da Auguſta palma, e do ſagrado Louro;
E as rôtas Armas guarnecidas de ouro
Deixai no Templo por troféo pendêntes.

Rendei gráças aos Dêozes: as Conſórtes
Conſtantes abraçai; e ao caro Amígo
Da voſſa eſpada referí os córtes.

Hum conte os cazos ſeus, outros o prígo,
As domádas Naçõés, a guerra, as mórtes;
Mas naõ digais que viſtes o Inimígo.

SO-

SONETO.

A Gente, as munições, o trêm de Guerra,
Em fim a noſſa Armada já tamánha,
Que ora ſeja em Quarteis, ora em Cãpanha
Com cem mil homens o Inimigo aterra:

Turím ſagás, Venêza que naõ erra,
Hollanda aſtúta, e parte d' Alemánha;
Tudo ſe moveu contra a pobre Heſpánha,
Sem fallar nas Eſquadras d' Inglaterra.

A França faz a paz; o Turco a ajuſta;
E outra vez pelo golfo Guaditáno
Paſſar intenta o Mouro em léve fuſta:

Tudo em noſſo favôr e alheio damno
A diſcórdia revólve, e Marte aſſuſta;
O ponto eſtá que o creia o Caſtelháno.

SO-

SONETO.

DO tóque do tambôr arrebatádo;
Das lágrimas de Nize commovído,
Digo a Deos... Vólto atras... e divídído
Me deixa a cada impulſo igual cuidádo.

Ouço o ſignal da marcha, e côrro ouzádo;
Chóra o meu bem, e páro enternecído....
E de affectos contrários combatido,
Nem bem Amante ſou, nem ſou Soldádo.

Do devêr e do amor neſta igualdáde,
Os paſſos meus naõ ſei como compônha;
Que o ficar hé labéo, partir, crueldáde.

E em quanto cuido em fim qual antepônha
Lamento do partir toda a ſaudáde,
Padêço do ficar toda a vergônha.

SONETO.

NIze me prometteu, e por certêza,
A's promeſſas juntando juramentos,
Que até nos mais occultos penſamentos
Me havia de guardar fiél firmêza.

Eu aſſim o entendi: cuidei que prêza
Tinha a bella infiél aos meus intentos;
Pois naõ cuidei que feios fingimentos
Sabía produzir huma bellêza.

Ora fíe-ſe lá qualquer amante
Nas promeſſas, na fé, no bello díto;
Para próva de haver amôr conſtante:

Fíe-ſe, vendo a dôr com que repíto;
Que ſoube o mais belliſſimo ſemblante
Encobrír o mais pérfido delícto.

SONETO.

EM quanto tu, douto Miniſtro, attento
Mais ás Leis do devêr, que ás da vontàde,
Moſtras que póde a flôr da mocidáde
Servír no altar d'aſtréa de ornamento:

Em quanto duvidar o penſamento,
Se mais honras a nova Dignidáde,
Em lhe dar maior luſtre na piedáde,
Ou maior na Juſtiça luzimento:

Em quanto em fim, amado Preſidente,
Do Pôvo, ao teu diſvélo encommendádo,
Lhe eſcutas o louvôr o mais decênte:

Em quanto fazes iſto; eu embrulhádo
No grôſſo baetaõ paſſo em Jazente
Com mênos honra fim, mas ſocegàdo.

SO-

SONETO.

DIz huma auſtéra Dama, que ſe accende
O peito mais modéſto em qualquer dança,
Porque a maõ que ſe dá n'huma mudança
Nas algêmas cruéis de Amôr ſe prende.

Diz q̃ arríſca o pudôr toda a que aprende
A lingua, o trato, e o mais q̃ vẽ de França;
Que o jôgo he máo, q̃ huma aſſembléa cança,
Que o mundo falla, e o pondonor ſe offende.

Aſſim diz; mas em fim aos ſeus temôres
Lhe reſpondem ſugeitos concertádos,
Que deixe eſſes fanáticos rigôres;

Porq̃ ao menos ſaõ gôſtos mais honrádos
Eſcutar claramente alguns Senhôres,
Do que ouvír em ſegrêdo alguns Criádos

SONETO.

QUando, Dáma gentíl, quando imagí-
Das graças, que te adórnaõ, na grandêza,
Entre a tua virtude, e entre a bellêza,
Abſôrto paſmo, e naõ me determíno.

O teu génio parece-me diviño,
Celeſtial a tua gentilêza;
E ſou, de dous impulſos na incertêza;
Fiél adorador, e amante fíno.

Huma tal uniaõ em ti tem feito
O teu recáto, a tua formoſúra,
Que me traz indecizo ſempre o peito:

Pois de hum, e outro affecto na miſtúra,
Te buſco amante, e cuido que hé reſpeito,
Te adóro attento, e julgo que hé ternúra.

SO-

SONETO.

PAſtôras deſte monte, que até agóra
Ouviſtes junto ao Támega contente
Cantar Almeno, ou variar cadente
Da atraveſſada tíbia a voz ſonóra:

Vós, que dos annos na primeira Auróra
Logo o viſtes brilhar; e finalmente
Deſtas ribeiras o vereis auzente,
Pois caſa além da ſérra, e vai-ſe embóra:

Trajai de luto pois: e em vez de flôres
Cortai na auſencia ſua por piedáde
Ramos de murta, emblêma dos horrôres.

Dos rôſtos deſterrai a claridáde;
Porque, para incentivo dos amôres,
Naõ tendes outro mais, que o da ſaudáde.

SO-

SONETO.

EM quanto, douto Amigo, em vário enleio
O teu litigio nunça te deſcança,
Pois ou te anima a crédula eſperança,
Ou te acobárda o tímido receio:

Em quanto ora a paleſtra, ora o paſſeio,
Porque amôr já ſupponho te naõ cança,
Ora os Livros talvez, que vém de França,
Te ſervem neſſa Corte de recreio:

Em quanto em fim dos vérſos eſquecído,
Com que fazer-te rír hum tempo púde,
Dás a mais douto pléctro attento ouvído:

Eu neſte albergue ſolitário, rûde,
Te faço ao meu borralho reduzîdo,
Com o cópo na maõ eſta ſaúde.

SO-

SONETO.

JA' corre viraçaõ, o Sól declína;
E da môſca importuna livre o gádo,
Deixa o curral, e vai paſtar no prádo
Ao ſôm da frauta, que Silvandro affína.

Acolá vem Daménia, ella imagína,
Que ninguem lhe percébe o ſeu cuidádo;
Olhem a pobre, vejaõ o coitádo,
Como móſtraõ a dôr que os amofína!

Eu tambem, como os outros amadôres,
Hum tempo dos grilhoens fiz louco alárde,
Por iſſo tenho dó dos mais Paſtôres.

Mas já, graças ao Céo, menos cobarde
Zombo de Amôr, e em vez dos ſeus favôres,
Guardo os meus Bôis, em quanto dura a tarde.

SO-

SONETO.

AMôr tudo avaſſalla: a mocidáde,
A velhice, os varoens, a todos accende;
E chega onde talvez menos ſe attende,
Roubando aos coraçoens a liberdáde.

Naõ perdôa no Sólio á Mageſtáde;
Na cabána ao Paſtôr; com tudo entende;
Zômba dos Sábios, os Heróes ſurprende,
Proſtra o valor, e rí da gravidáde.

Até no Sanctuário entrar intenta:
Quebranta férros, cárceres ſolápa;
Capéllos, Vótos, Véos, tudo violenta,
Nada em fim ſe lhe oppôem, nada lhe eſca-(pa;
E ſó do ſeu podêr talvez ſe izenta
Beliza por cruél, por ſanto o Papa.

SO-

SONETO.

SE viras, dôce bem, neſte retíro,
Em que a confuza mágoa me tem pôſto,
O eſtrago com que a fôrça do deſgôſto
Me abálla o peito a cada vaõ ſuſpíro:

Se viras, como vaõ em longo giro
As lágrimas banhando todo o rôſto,
Deſmaiado o ſemblante, e deſcompôſto
O triſte ſôm das vozes que profíro:

Póde ſer, oh delírio da vontáde!
Que a propria informaçaõ do meu tormento
Te arrebataſſe a impulſos de piedáde.

Mas quem te há de informar do meu lamento,
Se quem o ſábe hé ſó tua crueldáde,
Que de mim naõ ſe apárta hum ſó momento?

SONETO.

PRometteu-me, jurou-me, finalmente
A mão Nize me deu; porque quería
Proteſtar-me com ella, que ſería
Firme na fé, no affecto permanente.

Diſſe inda mais: rogou q̃ hum raio ardente
A chegaſſe a matar, ſe me mentía;
Que era mulher de bem, e não devía
Ser mudavel no amor, como a mais gente.

Em fim, para penhôr da ſegurança
Do que me fez ſagrado Juramento,
Me deixou completar toda a eſperança.

Fez-me feliz; mas ſó por hum momento;
Pois logo me moſtrou com a mudança,
Que ſempre era mulher no fingimento.

SO-

SONETO.

MUſas, aqui ſôbre eſte verde prádo,
Sem que offenda a ninguem, as córdas tente
Deſte, que vós me déſtes, Inſtrumento
Para alívio fiél do meu cuidádo.

Aqui que paſtar vejo a rélva o gádo,
E do deſcanço o Lavrador izento
Fender a terra, e conduzir attento
Pela ſêcca rabíça o curvo arádo:

Aqui que móra a paz, vive a innocencia,
Aqui na voſſa amavel companhía
Dos annos paſſar quéro a decadencia.

E a faltar-me outro bem, me baſtaría,
O naõ ſoffrer aqui tanta Excellencia,
Nem me aturdir com tanta Senhoría.

SONETO.

EM quanto ſobre a ponte, oh Virgem pú-(ra,
A voſſa Imagem ſe adorou patente,
De ſi meſma parece, que pendente
Se ſoſtinha a desfeita architéctúra.

Ao tempo, ao terremoto, á guerra dúra
Com vôſco reſiſtío, venceu valente;
Que a peanha da Mãy do Omnipotente
Naõ podía deixar de ſer ſegúra.

Mas aſſim que outras áras vos deſtína
Dos homens a devóta providencia,
Géme ſaudóza, e os marmores inclína:

E vai gritando a rôta corpulencia,
No eſtrôndo rouco da total ruína,
Que hé deſtrôço maior a voſſa auſencia.

SO-

---

* *Tirando-ſe da Ponte de Amarante, a Imagem de Noſſa Senhora poucas horas antes que cahiſſe.*

SONETO.

ESsa que vês, Amigo, parte em terra;
Parte no rio, e parte inda pendente,
Foi ponte, que cingio larga corrente;
E agora nas arêas se soterra:

Célebre foi, e qual robusta serra;
Na espádua dura supportou valente
A planta bruta, o tráfego da gente,
E o tránsito das máquinas de guerra:

Na duraçaõ dos Séculos remotos
Venceu de mil enchentes o ameáço;
E sustêve o furôr dos terremotos:

Mas hoje para avizo em Mappa escáço,
Esses penêdos te aprezenta rôtos:
Contempla hum pouco; e vólta atras o páſſo.

SO-

Falla da ruina da ponte de Amarante.

SONETO.

NOiva feliz, Eſpóſo eſclarecído;
O' parabem, que dar-vos hoje intento,
Com o voſſo immortal contentamento,
E com a noſſa dita hé repartído.

Vós desfrutais no láço mais unído
Os enleios de hum ſacro ajuntamento;
Nós eſperamos já com novo alento
Vêr o voſſo eſplendôr reproduzído.

Vós no Sancto Hymenêo vereis cumprida
Toda a voſſa eſperança; da ventúra
Teremos nós a parte mais creſcída.

Pois a próle gentíl que amôr procúra,
Será dos Pays a prenda mais querída,
Será da Pátria a glória mais ſegúra.

SO-

SONETO.

QUando, meu Moura, hum pouco me (diláto
A contemplar do Mundo o desvarío,
Chóro humas vêzes, outras vêzes río,
Vendo dos homens o fingído tráto.

Ostenta-se discreto o mentecápto,
O fráco com valôr, o vil com brío,
A rústica com nobre senhorío,
A deshoneſta com falláz recáto.

Anda tudo ao revéz: pervérſa a gente,
Huma couſa inſinúa no ſemblante,
E outra n' alma bem divérſa ſente.

Aſſim a falſa Nize a cada inſtante
Promette, e jura affecto permanente;
Mas eu naõ ví mulher mais inconſtante.

SONETO.

TUdo critíca o Século preſente;
E ſe rí com maligna complacencia,
Quando vê que com crédula innocencia
De fantaſmas tem mêdo a rude gente.

Lárvas naõ teme, eſpéctros naõ conſente;
Os lémures deſpréza; e ſem clemencia
Dos portentos a frívola apparencia,
A pezar dos Aſtrólogos, deſmente.

Já nos Trivios funéſtos naõ prepára
Círculos vaõs a Magica ſombría:
Já lá vaõ illuzoens; tudo ſe aclára;

E até já nem encantos havería,
Se Belinda o contrário naõ moſtrára
Da ſua dôce voz na melodía.

SO-

SONETO.

QUem morre ás maõs da dor, vendo (sem vída
O bem que idolatrou, moſtra ſaudáde:
Oſtenta quem ſe mata huma lealdáde,
Da paixaõ mais ſublime produzída.

N'aquelle obra a triſteza, commovída
Só talvez pelo impulſo da piedáde;
Neſte brílha do amôr a heroicidáde,
Que a fé lhe fáz mais pura e mais luzída.

Ambos acabaõ ſim; mas obrigádo
Se ſujeita o primeiro á triſte ſórte;
Por vontade o ſegundo ao duro fádo.

Hé pois mais fino amante o peito fórte,
Que podendo viver no ſeu cuidádo,
Sómente por fiél ſe entrega á mórte.

Problêma.

SONETO.

TUdo me anda ao revéz, do meu trabálho
Vingar naõ pude eſte anno o menor fructo,
Deu-me a rônha no gado; e ao campo enxuto
Faltou no vêrde Abril o frêſco orválho.

Dãnou-ſe o Téjo,* e junto de hũ carválho
Eu meſmo ví morrer o pobre brúto;
Fugío-me o melhor touro; e o lôbo aſtúto
Me levou o carneiro do chocálho.

Por fim deixou-me Almira, a q̃ colúmna
Do templo da firmeza tinha ſído;
Mas que importa, ſe nada me importuna?

Pois com eſte cajádo enfurecído
Hirei deter a róda da fortúna,
Hirei quebrar as ſéttas de Cupído.

SO-

* *Nome de hum caõ do Poéta*

SONETO.

COm duas eleiçõẽs eſta Clauſúra
Duas glórias em vós, Senhora, alcança,
Na primeira fundando huma eſperança,
Na ſegunda lográndo huma ventúra.

Mas ſe qual maior ſeja ſe procúra,
Pérco de reſolvêlo a confiança;
Pois ſe aquella os acêrtos afiança,
Eſta na duraçaõ os aſſegúra.

Na primeira, e ſegunda juntamente
Eſperança, e ventura fáz notória,
Deſempenhada aquella, eſta patente.

Fique indecíza entre ambas a victória,
Pois encôntro nos gôſtos da prezente
Dôces lembranças da paſſada glória.

MOTE.

Naõ côrras para o már Támega tanto.

LEvanta, cláro Rio, hoje ás ventúras
Deſte clauſtro feliz nóbres peanhas,
Em cada margem que paſſando bánhas,
Em cada pénha que batendo apúras.

Diláta mais que nunca as aguas púras,
De gôſto enchendo as húmidas Campánhas;
Pois na luz de Leonôr agora gánhas
Com ſeu nome immortal glórias futúras.

Porém ſe em teus criſtáes em tudo amênos,
Pauzas naõ póde dár teu juſto encanto,
Pois naõ ſabes movêllos mais ſerênos;

Se naõ póde parar-te o grande eſpanto
De taõ devído applauſo; hũ pouco ao mênos
Naõ côrras para o már Támega tanto.

MO-

MOTE.

Os Altares lhe adórna o noſſo peito.

CUlpa naõ foi de amôr; da ſórte dúra
Fôraõ talvez, Senhora, as impiedádes,
Que a comprida extenſaõ de mil vontádes
Limitaraõ no centro da clauſúra.

Foi diminúto o prémio; mas ventúra
Foi lograr dos affectos as lealdádes;
E pois nelles achaes immenſidádes,
O que a ſórte vos rouba, amôr ſegúra.

Que importa pois, q̃ importa q̃ avarênta
Os prémios limitados tenha feito
A Dêoza céga, ao merito violênta?

Que importa, ſe com culto mais perfeito
A noſſa fé as victimas te augmenta,
Os Altares te adórna o noſſo peito?

SO-

SONETO.

DEtém, velóz corrente, as aguas púras,
Levantando á Fortuna mil peánhas,
Em cada margem que paſſando bánhas,
Em cada ſeixo que batendo apúras.

Attende pois ás glórias, e ás ventúras,
Que neſte feliz clauſtro agora gánhas:
Dos Távoras brazoens, luſtres, façánhas
Padroens te formaraõ de penhas dúras.

Mas ſe a tua voluvel confluencia
Do pêzo natural ao curſo aváro
Naõ póde dar-te firme permanencia:

Ao menos neſte empenho taõ precláro,
Por obſequio, attençaõ, ou reverencia,
Suſpende por hum pouco o gyro cláro.

SO-

SONETO.

JAcinto illuſtre, eu ſeja hum vil captívo,
E paſſe triſte ao duro rêmo atádo,
Viva innocente, e tido por culpádo,
Môrra ás mãos de hũ verdúgo ſem motívo:

Fôgo devorador me queime actívo,
Contamine-me a vida ar empeſtádo,
Funda-me agua ſalôbre em már irádo,
Ráſgue-ſe a terra, e me devóre vívo:

Caia o Céo ſôbre mim, trague-me o (inférno,
E vágue com perpétua obſcuridáde
Sombra infeliz no verdenêgro Avérno:

E ſe nos Dêozes póde haver crueldáde,
Veja terrivel ſempre a Jóve etérno,
Se eu por ti mancho as aras d'amizade.

SONETO.

OFfertar-vos, Senhora, eu bem quera,
Pois vós o mereceis, quantos a Auróra
Gratos licores ſobre a Arábia chóra,
Sácros perfumes junćto ao Ganges cría.

O metal que mais brilha, eu meſma iría
Das entranhas da Terra arrancar fóra;
Porque hum tributo vos trouxeſſe agora,
Que foſſe proprio deſte auguſto día.

Bem o queria ſim, mas como dúra
A fortuna me impede eſta finêza,
O amôr por outro modo vos procúra:

O Coraçaõ vos traz, tendo a certéza,
Que vós mais eſtimaes huma fé púra,
Que as maiores offertas da riquêza.

SO-

Para huma Senhora Religioſa recitar á ſua Freiada, no dia dos Reys.

SONETO.

DOs teus, ó Porto, antigos Orizôntes
Apenas ſe deſcobrem os indícios;
Porque até dos penháſcos nos reſquícios
Se extendem ruas, ſe ſuſtentaõ pôntes.

Nóvos Cáes, novas Praças, novas Fôntes,
Torres, Templos, Palácios, Fronteſpícios
Te daõ tanta extenſaõ, que os precipícios
Já ſaõ Cidade, e deixaõ de ſer môntes.

Cada vez creſces mais: Oh ſempre cláro
Te aſſiſta o Céo, e tenha decretáda
Duraçaõ, que reſiſta ao tempo aváro.

E ſerás immortal, ſe menſuráda
A vires pelo nome do Precláro
Teu fundador ſegundo, o Illuſtre Almada.

SO-

SONETO.

EU naõ me queixo naõ, prenda adoráda,
Se contra mim teu peito ſe enfuréce;
Pois em lugar de amar-te, te aborrece
Quem te deſeja vêr deſeſtimáda.

Chamem-te embóra os mais deſapiedáda,
Se o teu devêr do cégo amôr ſe eſquece,
Que eu ſó digo que queixas naõ merece
Huma mulher de bem por ſer honrada.

Eu fallo contra mim, porque te adóro
Inda mais do q̃ os mais; mas circumſpecto
Até te occulto as lágrimas que chóro:

Pois por naõ profanar teu nobre objecto
No altar te ſacrifico do decóro
As mudas ſubmiſſoens do proprio affecto.

SO-

SONETO.

SUſpenſo o peito em plácida porfía
Naõ ſábe dos extremos qual procúra,
Se as luzes deſſa voſſa formoſúra,
Se deſſe voſſo canto a melodía.

Arrebáta igualmente a fantaſía,
Se acazo a perfeiçaõ em vós ſe apúra,
Tanto de voſſas vozes a doçúra,
Como do voſſo rôſto a ſymmetría.

Mas ay! que triſte a idéa hoje diſcorre!
Hé de ciſne eſſe canto que arrebáta,
E a meſma circunſtancia em vós concorre:

Porém com a diff'rença, bella ingráta,
Que a harmonía do ciſne hé porque morre,
E o voſſo canto he ſó porque me máta.

SONETO.

SE parto, tu Diamante,* descontênte
Ficas guardando o solitario assênto;
Mas bem que triste, com robusto alênto
Víbras contra o ladraõ o agudo dênte.

Se vólto, tu me espéras diligênte,
Mostrando-me hum fiél contentamênto;
Pois logo com festivo movimênto
E's em caza o primeiro que me sênte.

Se cáço, com gentil velocidáde
De hum salto abócas a ligeira prêza,
E a trazes com leal docilidáde.

Oh como eu fora descançado á mêza!
Se podesse encontrar tanta lealdáde
No Antonio, no Jozé, e na Therêza.*

SO-

* *Nome do seu caõ.*
* *Nomes dos seus criados.*

SONETO.

NA muda ſolidaõ da noite eſcúra
Tudo em ſilencio eſtá, e taõ cerrádo,
Que até nem muge no curral o gádo,
Nem na cabana hum ſó Paſtor murmúra.

Cada qual dórme em paz, e ſe aſſegúra
No ſeu Rafeiro contra o lobo ouzádo;
Pois tira dos Mortaes todo o cuidádo
O ſômno, que hé do Céo dádiva púra.

Elle allivía o mal do deſcontênte:
Elle faz que o trabalho ſe ſuppórte:
Elle iguala o mais triſte ao mais contênte.

Elle hé o maior bem: mas quer a ſórte,
Que para ſer feliz a humana gênte,
Se lhe equivóque a vida com a mórte.

SO-

Stulte, quid eſt ſomnus, gelidæ niſi mortis imago?

SONETO.

OH vós, que deſte bárbaro diſtricto
Habitadores ſôis, crueis ſerpentes,
Aonde eſtais, que os venenózos dentes
Naõ empregais no peito o mais afflicto?

E vós, que ſôis zimbórios do Cocyto,
Brutos penháſcos, marmores pendentes,
Porque os deſpenhos naõ fazeis patentes,
Em que o mais infeliz ſe precipite?

Tanto há de ſer, e tanto endurecída
A minha ſempre eſcura, e amarga ſórte,
Que em nada me depára hum homicída?

Só para mim naõ há de haver hum córte,
Que me acábe por fim taõ triſte vída?
Naõ haverá, porque me agrada a mórte.

SO-

SONETO.

PAra naõ me ſentirem, de vagar
Pela cozinha entrei com pé ſubtíl,
Ví nella a cozinheira mais gentíl,
Com que amôr dôce morte me quiz dar.

De cócoras eſtava ſobre o lár
C'uma maõ poſta em címa do quadríl,
E dando ao lume aſſôpros míl, e míl
Eſtava de contínuo ſem ceſſar.

Acazo pus o pé ſobre hum carvaõ,
Ella o ſôm eſcutando rangedor
Voltou-ſe para mim: dice-lhe entaõ;

Naõ ſópres mais ao lume que hé melhor
Servireſ-te, cruél, de hum coraçaõ,
Que ardendo em viva chãma eſtá de Amôr.

SONETO.

SAõ linhas curvas, Nize, os teus cabéllos,
A frente ſuperficie a mais brilhante,
A celha ſemi-circulo diſtante,
E dous glóbos de luz os olhos béllos:

A boca prendem angulos ſingéllos,
O nariz forma lombo dominante,
Que do centro do Ecliptico ſemblante
Orizontíza extrêmos paralléllos.

Nelle ſe abbreviou dos Céos a Eſphéra;
Pois de quanto contempla a fantaſía,
Em ti mais pérto a viſta conſidéra.

E hé tanta do teu rôſto a ſymmetría,
Que nelle Euclides aprender pudéra
Mais juſtas proporçoens de Geometría.

SO-

SONETO.

O Ar cobérto eſtá de eſcuridáde,
O dia tenebroſo, chove, vênta;
E em medonhos relámpagos rebênta
O eſtrondoſo fragôr da tempeſtáde.

Dos raios a inſtantánea claridáde
Em vêz de illuminar nos deſalênta:
A fera treme, o gado ſe eſpavênta;
E os Paſtores aos Céos pedem piedáde.

Votos Arminda fáz, Almêno júra
De romper de ſeus erros a corrênte;
E aplacar cada qual o Céo procúra.

Mas ah! Que aſſim q̃ volta o Sol luzênte,
Eſte ſe eſquece da ſagrada júra,
Outro o voto que fês logo deſmênte.

SONETO.

COm juſta emulaçaõ, com igual ſórte
Fas Hymenêo a dita duvidóſa,
Se em vós hé mais ſublime, Illuſtre Eſpôſa,
Se em vós hé mais feliz, caro Conſórte.

Filha de Venus vós, vós de Mavórte,
A dúvida fazeis mais decoróſa,
Ou já nos bellos timbres de formóſa,
Ou no valente ardôr do peito fórte.

Ambos pois deveis ſer felicitádos
Com igual proporçaõ, já que a ventúra
Com recíproco amôr vos tem ligádos.

Porque neſta alliánça ſe miſtúra
A nobrêza na cópia dos agrádos,
A virtude na luz da formoſúra.

SO-

Ao Cazamento de Gaſpar Pereira Ferraz Sarmento.

SONETO.

ESTOU, tirano Amôr, para partír-me:
A teus pés neſtes verſos vou lançar-me;
Que as juſtiſſimas cauſas de queixar-me
Naõ negaõ attenções de deſpedír-me.

E ſe aggravos podeſſem divertír-me
Do que o amôr chegou a encõmendar-me,
Sem hum a Deos pudéra hoje apartar-me,
Só por naõ dar motivos de affligír-me.

Mas como em fim cheguei a idolatrar-te,
Hum favor, bem que leve, a merecer-te,
Vou com trémulos braços a abraçar-te.

E ſe alguem ſe atrever a reprehender-te,
Dír-lhe-has, ingrato bem, que fui buſcar-te
A reſpeitar-te ſó, naõ a querer-te.

SONETO.

AS vezes ſe naõ durmo, o penſamênto
Deixando o côrpo ſobre a cama quênte,
Me leva mais ouzado, que prudênte,
Dos Aſtros a medir o movimênto.

Pézo, calcúlo, meço, e obſervo attênto,
Quantos globos encerra o Céo luzênte:
Contemplo os Turbilhoens, e finalmênte
Me tranſporto até ſobre o Firmamênto.

Deſcartes lá deſcubro: e neſſe eſpáço,
Que exiſtencia ſó tem na fantaſía,
Tambem meus Orbes riſco, e Mundos fáço.

E eis que vém com mais certa Geometría
Huma Pulga, e me morde no cachâço;
Vou-me arranhar; e a Deos Filoſofía.

SO-

SONETO.

SEm cauſa a Infáncia rí, ſem cauſa chóra:
Incauta ſe deſpenha a mocidáde;
Sacode o júgo, e nella a liberdáde,
A caça, o jogo, o amôr, tudo a namóra.

Das honras o varaõ ſe condecóra;
Tudo hé nelle illuzaõ, tudo vaidáde:
Juncta Theſouros a avarenta idáde;
Diz mal do noſſo, e o tempo andado adóra.

Tormento hé toda a vida, hé toda engános:
Quando huns affectos vence a novos córre,
E tarde reconhece os proprios dámnos:

Porque em fim ſe a prudencia nos ſoccórre,
Dictáda na liçaõ dos longos ánnos,
Quando ſe ſábe, entaõ hé que ſe mórre.

SONETO.

QUando, douto Moreira, o penſamênto
A's lembranças entrego do paſſádo,
Suſtêr naõ poſſo o pranto, e magoádo
Encho de triſtes ays o vago vênto.

Ora entre o boſque giro, ora me aſſênto
Nas quebras de hum penêdo, e rodeádo
De montes nêgros, e do meu cuidádo
Cáio em fim n'um profundo abatimênto.

Nelle me encôntra a noite; e entaõ deſ- (pérto
Do lôbo aos húivos, que de lônge gríta,
E ao ſom da Noitibó que eſcuto incérto.

Vê pois que vida hé eſta: premedíta
Na bruta ſolidaõ deſte Deſérto;
E dize-me depois ſe hé pêna, ou díta.

SO-

Ao Abbade de Polvoreira Jozé Moreira da Silva.

SONETO.

CReſce, planta incorrupta; e obediênte
A'ſábia maõ do teu cultôr attênto,
Abate a copa á terra, e ao vago vênto
Trémula empina a vêrde-nêgra frênte.

A' arte cede, e entrelaçar conſênte
A vêrde rama em forma de Apoſênto,
Onde teu dôno ſocegado, e lênto
Encôntre ſômbra amêna em feſta ardênte

Os Amigos lhe hoſpéda, que conſtante.
Da antiga Corte Luſa em Polvoreira
Lauto recebe, e ſatisfaz galante.

Quê depois, das idades na carreira,
Dirá vendo-te ao longe o caminhante,
Eis-acolá o Cédro do Moreira.

SO-

A hum galante Cédro, que o dicto Abbade tinha no ſeu Jardim.

SONETO.

EM quanto tu, douto Moreira, eſpôntas
Do teu Jardim as peregrinas plantas;
E humas vêzes os ramos lhes quebrantas,
Outras vêzes com Arte lhos remôntas.

Em quanto do teu Cédro nas vergôntas
Fabrícas lojas, pavilhoens levantas,
Onde á ſômbra talvez as horas Santas
Attento rezas, e devoto côntas,

Em quanto de huma Aldéa, huma Cidáde
Fazes em fim, por têres o ſegrêdo
De entreter no retiro a ſociedáde.

Eu pôſto aqui ao pé deſte rochêdo,
Naõ ſou mais em taõ muda ſoledáde,
Que junto de hum penêdo outro penêdo.

SO-

Ao meſmo Abbade ſeu amigo.

SONETO.

CReſce, planta gentíl, creſce, e á porfía
Por toda a parte os ramos teus ſuſpênde,
Em quanto a Arte déſtramente emprênde
Dar-te fórma melhór, mais galhardía.

O tronco á terra, a ponta aos Céos envía;
E a vêrde rama ao vago vênto eſtênde;
E agradecida o teu Cultôr defênde,
Oppondo ao Sol ardênte a ſômbra fría.

Vive até te perder na Eternidáde,
Por mais que o tempo devorante queira
Roubar-te de incorrupta a qualidáde.

Que a gente, com lembrança liſonjeira,
Dirá por glória tua em outra idáde:
Eſte Cédro foi planta do Moreira.

SO-

Ao dicto Cédro do ſeu Amigo.

SONETO.

Calle-se agora o Senhor Cyro, (1) e (tráete,
Em vez de plantar cédros, pôr carválhos,
Por naõ ferír as maõs de annéis nos gálhos,
Que a podôa cruél no tronco abáte.

(2) Darío corte os seus; e ás Tropas máte
O frío atróz nos cálidos borrálhos:
E os do Líbano faça em mil retálhos
(3) O sábio Rey mettído a Calaféte.

(4) Artaxerxes em fim, o que iracundo
Entrou na Grécia pela vez primeira,
De Cédro faça as Náos metter no fundo.

Cédros naõ lêmbrem mais: voz liſongeira!
Que em todos quantos Cédros têve o mũdo,
Cédro naõ há igual ao de Moreira.

---

(1) *Plantou com as ſuas maõs Reaes os Cédros do ſeu Jardim*

(2) *Cortou os Cédros do ſeu Jardim, para ſe aquentarẽm os Soldados.*

(3) *Salomaõ* 16. *dos Reys.*

(4) *Sacrificou a Neptuno as Náos, que tinha, feitas de Cédro.*

SONETO.

DEixa, Moreira, o mundo ; hé tempo agóra
De vêr da praya firme o gôlfo inſáno,
As velas colhe , e o tardo deſengáno
Com levantadas maõs devóto adóra.

Repouza pois : o mundo hoje devóra
Com enganos cruéis o peito humáno ;
E rindo-te de vêr o antigo engáno,
As antigas paixoens fábio melhóra.

Deixa Amôr, deixa as Muſas , e ſómênte
Do Illuſtre Baccho o copo á bôca arríma ;
Pois allegra a quem vive deſcontênte :

Louva o homem diſcréto, o Sábio eſtíma;
Ama a virtude ; moſtra-te prudênte ;
Toma tabaco , falla á tua Príma.

SO-

Ao meſmo ſeu Amigo.

SONETO.

Deſcança em paz, douto Moreira, e (izênto
Das terréſtres paixoens da humanidáde,
Conhece finalmente que a verdáde
Só tem no Elyſio o principal aſſênto.

Do teu Jardim retira o penſamênto,
E dos falſos Amigos a ſaudáde;
Pois nelle cada flôr era vaidáde,
E neſtes cada acçaõ hum fingimênto.

Se a fouce, com que a morte deſpedáça
A vida dos mortaes, quiz por vanglória
Roubar-te tudo em fim, naõ foi deſgráça:

Pois ella naõ logrou toda a victória;
Que o teu nome eſcapou á ſorte eſcáça
Por ſe acoutar no Templo da Memória

SO-

Ao falecimento do dicto ſeu Amigo.

SONETO.

SOcega Alma feliz; e Polvoreira
Fique á viſta do Elyſio abandonáda;
Que Apollo para a frênte dilatáda
Lá te fórma de louro a cabelleira.

Cá de Cypreſte a téce a choradeira,
Para adornar do teu ſquelêto a eſtráda,
Que de mil galopínos povoáda
Hum tempo foi, mas acabou-ſe a féira.

Repouza pois em paz; e a mêza apánha;
Porque a eſtancia dos Dêozes naõ hoſpéde
De Amigos desleaes cópia tamánha.

E lá tens, ſe o teu génio inda to péde,
Néctar melhór, que o q̃ produz Champánha:
Chama *a Theodoro, brinda, e apága a ſéde.

SO-

A' morte do Abbade de Polvoreira.

**Theodóro de Sá Coutinho, intimo Amigo do Auctor, e do dicto Abbáde de Polvoreira, ambos falecidos.*

SONETO.

TRaga-me embóra ao duro rêmo atádo,
Mêtta-me nos grilhões, leve-me á mórte;
Seja qualquer que fôr a minha ſórte,
Naõ tem mais que inſultar-me agora o fádo.

Eſgote o ſeu podêr, moſtre-ſe irádo,
Deſpedace, deſtrúa, abáta, e córte;
Que naõ há de fazer-me a dôr mais fórte,
Por têr ſubído ao mais violento eſtádo.

A fazêr-me mais triſte em vaõ ſe cança;
Que tendo o gráo ſuprêmo a mágoa cheio,
Melhor ſerá ſe nella houver mudança.

E niſto meſmo encôntro algum recreio;
Pois hé do bem eſpecie de eſperança
Naõ ter de maior mal nôvo receio.

SONETO.

Citado o Réo, a Acçaõ diſtribuída,
Offréce-ſe o Libello na Audiencia;
Entra logo huma cota, huma incidencia,
Apenas em déz annos diſcutída.

Contraría-ſe tarde; ou recebída
Huma Excepçaõ, faz nova dependencia:
Creſcem as dilações, e a paciencia
Huma das Partes perde, ou perde a vída.

Habilíta-ſe hum Filho, outro demóra;
E de novos artigos na diſpúta,
Mais ſe dilata a cauſa, ou ſe empeóra.

Cõ tudo pôem-ſe em prova, ou circũdúta,
Em caza do Eſcrivaõ bem tempo móra,
E ſe há ſentença em fim, naõ ſe executa.

SO-

SONETO.

De lá, pônde a louca confiánça
Naquillo em que a fortuna ſó domína;
Que ſe a róda inconſtante hum pouco inclína,
Sem voltalla de tôdo naõ deſcánça.

Algũ cuida q̃ a prende, e a maõ lhe lánça
Em acto de a ſuſtêr, e ſe arruína;
Porque o gyro velóz, que a deſatína,
Até lhe rompe a crédula eſperánça.

Depois fica-ſe o póbre reduzído
A paſſar toda a vida deſcontênte,
De que errou ſem remédio arrependído.

Sendo em fim eſpectáculo da gênte,
De mágoa para o ſábio comedído,
De riſo para o vulgo irreverênte.

SO-

SONETO.

O Peito cóbre, ó Nize, que hé loucúra
O incentívo do amôr fazer patênte;
Porque deixa de o sêr, quando indecênte
Mais que á idéa, á vista se figúra.

Quanto mais se recáta a formosúra,
Mais impressaõ nos fáz; pois julga a gênte,
Que excéde sempre ao bem que vê presênte,
Aquelle, que entre os véos se conjectúra.

Occulta pois, occulta esses objéctos,
Altares, onde fazem sacrifícios
Quantos os vém com olhos indiscrétos.

E se pertendes encontrar propícios
De amantes coraçoens puros affécctos,
Tudo naõ mostres, mostra-lhe os indícios.

SONETO.

SE os males meus viessem de repênte,
Sería o meu viver hum breve instante;
Que a soffrêllos nem fôra entaõ bastante
Huma alma fórte, o peito mais valênte.

Mas, como pouco a pouco a dôr se sênte,
Pelo costume hé menos penetrante;
E n'huma, e n'outra pêna mais constante
Resiste ao seu tormento hum descontênte.

Fáz callo a paciencia, e naõ lamênta
No costumado, e repetido córte,
Mas antes por vanglória se contenta.

Publíca o seu valôr da mesma sórte,
Que fáz quem do venêno se alimenta,
Que o traga affoito, e naõ recebe a mórte.

SONETO.

BUſco o Valle, ſaudôſo, e recoſtádo
No tronco d'hum Carvalho corpulênto,
Para mais me affligír, o penſamênto
A' memória me tras o bem paſſádo.

De taõ triſte lembrança penetrádo,
Mais a dôr a meus males accreſcênto:
Ouço balár o gado, e a pêna augmênto;
Vejo a fonte correr, fico magoádo.

Ao longe hum Rouxinól me deſafía
A ſentir mais amarga a minha pêna
Nos québros, com que apura a melodía.

Depois já com bonança mais ſerêna
Leio, rézo, paſſeio, acábo o dia;
Eis-aqui a que o fado me condêna.

SONETO.

AS ſéſtas lôngas do fervente Eſtío
Paſſo á ſômbra do rúſtico Carvállho,
E revergado ao tépido borrálho
As noites largas pelo Invérno frío.

Nos lizos ſeixos do pequêno Río
Vivas trutas em curva rêde entrálho;
A perdíz na eſparrella, e ſem trabálho
O coelho velóz caço no fío.

A fructa como á propria maõ colhída,
Bebo da pura fonte, e a rude gênte
Já por uſo parece-me polída.

Tudo aquí me conſóla; e taõ ſómênte,
Para lograr de todo alegre a vída,
Falta-me Nize, de quem vivo auſênte.

SO-

SONETO.

EM fim, por dar remate ao meu tormento,
Eſta minha memória naõ deſcança:
Repreſenta-me Nize; e da lembrança
Fabríca a dôr cruél ao ſentimênto.

Mil couſas me recórda o penſamênto;
Mas ſó neſta apparencia vêr alcánça
Tanto amôr, tanta fé, tanta eſperança,
Reduzido a perpétuo acabamênto.

Do Fado injuſto a dura atrocidáde
Em tudo contra mim ſe faz notória,
Eſgotando em meu mal toda a impiedáde.

Lembra-me do que foi a dôce glória;
Porque além do rigôr de huma ſaudáde,
Me faz ſentir os gólpes da memória.

SONETO.

O Decréto immortal, Nize, do fádo
Implácavel, cruél, bárbaro Núme!
Me fez mudar de Pátria; e de coſtúme
A ſéria reflexaõ do próprio eſtádo.

Voltou-me o génio alégre em magoádo
Do peito afflicto o amortecido lúme;
E do tempo que tudo em nós conſúme,
Me vejo inteiramente transformádo.

Deſtemperou-ſe a Cíthara cadênte,
E ſerve ſó de ninho ao vil inſécto
Que nella lavra a téa tranſparênte.

Riſcáraõ-ſe as memórias n'outro aſpécto,
Tudo em mim tem mudado; e taõ ſómênte
Me ficou ſem mudança o antigo affécto.

SO-

SONETO.

DE que ſerve o viver, ſe tanto cúſta?
Hé toda huma tormenta a noſſa idáde;
Louca na infancia, vã na mocidáde,
E cheia de afflicçoẽs na mais robúſta.

Hum chóra, outro lamenta, outro ſe aſſúſta
Da fortuna á mais léve tempeſtáde;
E ſe chêga a velhíce, hé ſem piedáde
Submettida ao rigôr da ſórte injúſta.

Parece que por ſeu divertimênto
O Céo nos faz penar, inda que ſanto,
Sem nos deixar de alívio hum ſó momênto.

Valha-nos Deos! Se toda a vida hé pranto,
Se acaba ſó na mórte o ſeu tormênto,
De que ſérve o viver, ſe cuſta tanto?

SONETO.

O Gallo já tres vezes tem cantádo,
Mugído o Boi, tocido a Ovelha, e a Auróra
Já lá vém, com as lagrimas que chóra,
Regando a relva molle ao verde prádo.

Já de traz do Maráõ o Sól dourádo
A frente principía a lançar fóra:
Em fim hé manhã clara, e inda até'góra
O ſômno aos olhos meus naõ tem chegádo.

Elle ás vezes quer vír, e a noite inteira
Me rodéa a cabána; e eſpréme lênto
O ſucco ſôbre mim da dormideira.

Mas ſe entra nella algum feliz momênto;
Aſſim que ſe me ençoſta á cabeceira,
Logo della o retíra o meu tormênto.

SO-

SONETO.

HAverá por acaſo outro que habíte
Medônha gruta em bárbaro deſérto,
Que mais do que eu de lagrimas cobérto;
Pállido eſpanto, e nêgro horrôr incíte? ...

Rompaõ-ſe embóra as bóbadas do Díte;
E fique hum pouco á luz do Sól abérto;
Que ainda até lá dos condemnados pérto
Naõ ſe háde vêr quem o meu mal imíte.

Euménides funeſtas, que as penúrias
Augmentaes aos alumnos do Cocíto,
Deixai de lhes fazer novas injúrias:

Vinde aprender do peito mais afflíto;
Que vos dará liçõeſ para ſer Fúrias,
Nos remórſos cruéis do ſeu delícto.

SO-

SONETO.

O Jôgo, o amôr, a mêza, as Muſas (béllas
Roubáraõ-me o melhor da mocidáde:
Eſta ſe vai paſſando, e a ſéria idáde
Principía a tractar-me com cautélas.
(zéllas
Diz-me que as cartas rômpa; que as Don-
Deixe viver em ſanta honeſtidáde;
Que ſeja ſóbrio; e côlha a gravidáde
Do vagabundo engenho as ſoltas véllas.
(mudança,
Tudo hé bom; mas que impórta haver
Se os annos trazem novos precipícios
Nas honras, na vanglória, ou na eſperança?

Entra o fauſto fazendo deſperdícios,
Roubos á uzúra, crimes a vingança,
E emendaõ eſtes os primeiros vícios?

SO-

SONETO.

NO mal, Nize gentil, que me atormênta
Tudo me cança, tudo me enfaſtía,
Fóge-me o gôſto, o ſômno ſe deſvía,
E o triſte coraçaõ ſe deſalênta.

Entre as gentes a minha dôr ſe augmênta,
No retíro me paſma; e a fantaſía
De noute encôntra horrôres, e de día
A própria luz as mágoas me accreſcênta.

Para me aliviar nada hé baſtante:
Sôfro, callo, lamento, e todo inteiro
Me occupa o meu tormento a cada inſtante.

Nize, por mais que ſeja verdadeiro,
Naõ ſente pêna igual ſaudôzo amante,
Como me cauſaõ faltas de dinheiro.

SO-

SONETO.

QUeixa-ſe da fortuna hum deſcontênte,
Outro da ſua Eſtrella, outro do Fádo,
Outro da ſórte; e ſempre hum deſgraçádo,
Encôntra deſabáfo no que ſênte.

Algum cuida que o mal hé contingênte,
E praguéja do acaſo; outro indignádo
Gríta, lamenta, e diz que o Céo ſagrádo
Hé ſurdo á rouca voz da triſte gênte.

Há tal que aos Santos Deozes ameáça,
Que lhes cháma cruéis, e o deſatíno
A negallos de todo ás vêzes páſſa.

Eu ſó contra mim brado, e me crimíno;
Pois ſei que ſou no extrêmo da deſgráça,
Artífice infeliz do meu deſtíno.

SO-

SONETO.

DE que vále o ſabêr, e a larga idáde
Gaſtar do eſtudo vaõ na ſubtilêza?
Se eu, vendo déſta noite a eſpléndidêza,
Naõ ſei quem cauſa tanta novidáde?

Das trevas na maior obſcuridáde
Vejo dos Aſtros toda a luz accêza,
E de taõ bello effeito na incertêza
Me déixa cégo a meſma claridáde.

Que ſerá? Pois do Sól o luzimênto,
Aſſim que hé meia noite, principía
A enchér-nos de immortal contentamênto?

Ou hoje a Natureza deſvaría;
Ou hoje teve hum Deos o Naſcimento,
Que muda a nêgra noite em claro día.

SONETO.

EU já naõ póſſo mais, que hé taõ vio-(lênto
O bárbaro pezar que me anguſtía,
Que, inda q̃ eu foſſe hum ſeixo, naõ podía
Deixar de me partir hum tal tormênto.

Por mais que faça, inutilmente intênto
Abafar do meu mal a tyrannía;
Porque hum peito na fôrça da agonía
Rómpe as mudas prizoens do ſofrimênto.

Queixar-me quero pois, ouça-me a gênte;
E crimíne-me embóra de apoucádo,
Por me vêr lamentar taõ altamênte.

Fique o mundo de ouvír-me atordoado;
Porque nada aventúra hum deſcontênte,
Se publíca na morte o ſeu cuidádo.

SONETO.

HE' no bem, e no mal o humano (enleio;
Como o fiél na trémula balança,
Que hora ſobe, hora deſce, e naõ deſcança,
Sem q̃ entre o pêzo igual encôntre o meio.

Aſſim ſe paſſa a vida em tal rodeio
De encontrados affectos na mudança,
Que ou nos eléva a crédula eſperança,
Ou nos abáte o tímido receio.

Eſtas duas paixoens o Céo ſagrádo
Nos peitos infundío, porque ſómênte
De algum modo igualáſſe a todo o eſtádo:
Porque entre o bem, e o mal, vivêſſe a (gênte,
Suſtido da eſperança o deſgraçádo,
Quieto no receio o mais contênte.

SONETO.

SE eu podéra antevêr, Idolo amádo;
Os ſucceſſos que móve a contingencia,
Fizéra huma conſtante reſiſtencia
A's perpétuas prizoens do meu eſtádo.

Ficára livre entaõ, ſe affortunádo
Lográra o que hoje logro; mas paciencia;
Pois nem ſôbre os futúros há ſciencia,
Nem há fôrça no mundo contra o Fádo.

Hé neceſſário pois que ſe ſuppórte
Do deſtino dos homens o Decréto
Immutavel, fatal, potente, e fórte.

Naõ te queixes de mim, querido objécto;
Pois o ſeguir a lei da minha ſórte
Naõ deſtróe o podêr do noſſo affécto.

SONETO.

VOltai Muſas, voltai para as amênas
Ribeiras do Mondêgo, aonde agóra
Outro Liceo melhor vos condecóra,
Devido á maõ do mais feliz Mecênas.

Voltai a frequentar a Luſa Athênas,
Sem aquelle rubôr que as fáces córa;
Porque a ſábia razaõ já nella móra,
Já lhe occupa a verdade as doutas pênnas.

Voltai; pois já fugio o génio inculto,
A pompa vã, a rúſtica porfía,
Das nobres Artes vergonhôzo inſulto.

Tudo ſe reſtaurou em hum ſó día:
Oh naõ vos eſqueçaes do Régio indulto,
Que novo ſêr vos deu, nova harmonía.

Quando ſe abrio a Univerſidáde de Coimbra no anno de 1772.

SONETO.

TUdo o Tempo deſtróe: a Terra alága,
As Aguas ſécca, os Ares evapóra;
O Fôgo extingue, e até onde o Sól móra
Manchas fabríca, e a clára luz lhe apága.

Dos míſeros mortáes a ſórte vága
Hé q̃ mais acomette; e de hora, em hóra,
Peitos penétra, corações devóra,
Vidas engóle, e tudo em fim eſtrága.

Da trémula velhice á mocidáde
Lhe vivem taõ ſujeitos os humános;
Que o gyro elle hé que ordêna á ſua idáde.

Só os Heróes ſe iſéntaõ dos ſeus dámnos;
Pois lógraõ durações da Eternidáde,
Como Gaſpar as lógra nos ſeus annos.

SO-

Fazendo annos o Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar, Primáz de Braga.

SONETO.

OU na Orquéſtra preſída da garganta,
Deduzindo das vozes a deſtrêza,
Ou dos olhos ſcintíle a luz accêza,
Que incendios mil nos corações levanta.

Sábe Irêne infundír ſuſpenſaõ tanta,
Que toda a liberdade deixa prêza;
Pois ou na melodía, ou na bellêza
Acha prompta a prizaõ, que nos encanta.

Se huma ſó perfeiçaõ, a rebeldía
Do peito mais cruél movendo, aſſúſta,
A tantas reſiſtir quem podería?

Triunfa pois, Amôr; q̃ em tudo augúſta
As graças do ſemblante, e as d'harmonía,
Para mais nos prender, Irêne ajúſta.

SONETO.

FLôres no prado a Primavéra cría,
Louras eſpigas o abrazado Eſtío,
Pômos o Outôno, e pelo Inverno frío
Ao brando lume o gêlo ſe deſvía.

Neſte Deſérto alegre companhia
Me fáz cada Eſtaçaõ; e daqui río
D'quelle meu paſſado deſvarío,
Que arraſtar tôrpes ferros me fazía.

Quebrei-os, e cuſtou-me; mas prudente
A' cuſta das liçõeſ do proprio dámno,
Vejo, nunca o cuidei, rôta a corrênte.

E vou, para labéo deAmôr tyránno,
Pendurar o grilhaõ publicamênte
No venerando Altár do deſengáno.

SO-

SONETO.

EM fim, Prenda gentíl, meu peito alcança
A ventura maior que amor concéde:
Sou taõ feliz, que o teu favôr ſe méde
Pela immenſa extençaõ d' huma eſperança.

O coraçaõ paréce que deſcança;
Porque ao meſmo deſejo a dita excéde:
Nada mais quer; ſómente ao fado péde
Do nó que hoje nos prende a ſegurança.

Hercules pois de Amôr, huma colúmna
Levantarei, que ao gôſto mais creſcído
Seja termo fiel, méta opportúna.

E da glória eſta vez deſvanecído,
Farei parar a róda da fortúna,
Hirei quebrar as ſettas de Cupído.

SONETO.

CAntai, Ninfa gentíl, céſſe o receio,
Que glória taõ feliz nos ſuſpendía;
Pois fôra indeſculpavel tyrannía
Para ſempre occultar taõ grande enleio.

Cantai: porq̃ o temôr, q̃ em vós naõ creio,
Deve ceder da voz á valentía;
E juntando á belleza a melodía,
Dareis ás almas o maior recreio.

Mas ah pobres de nós! que a ſórte dúra
Dos effeitos de taõ ſonóro encanto
Nos fabríca talvez a deſventúra:

Que Amôr para ferir-nos ſoube tanto,
Que unío ás perfeiçõés da formoſúra
A dôce ſuſpenſaõ do voſſo canto.

SO-

SONETO.

EIs-me-aquí, bella Anarda, que ſiſúdo,
Dos brincos de algum tempo agora auſênte,
Paſſo neſtas montanhas deſcontênte
A gôrda féſta do laſcivo Entrúdo.

Eis-me-aquí: q̃ recórdo quiéto, e múdo
Os goſtos que eſte peito já naõ ſênte;
Pois me fêz o deſtíno que indecênte
Me ſeja, oh dura lei! me ſeja túdo.

Dos bellos paſſatempos deſte día,
Do teu riſo, do teu gentil aſpécto,
De tudo me deſpója a ſorte impía.

Nem ſequer me deixou hum ſó objécto,
Que podeſſe infundír-me huma alegría,
Que podeſſe cauſar-me hum dôce affécto.

SO-

SONETO.

DO mundo enganadôr deſabuzádo,
Dizer-lhe quero a Deos; porque hé loucúra,
Aviſtando taõ pérto a Parca dúra,
Viver dos ſeus enleios inda atádo.

Fique-ſe embóra pois: todo o cuidádo
Me deve a prevençaõ da ſepultúra;
Pois, bem que tarde já, ſempre he ventúra
Ao menos o morrer deſenganádo.

Acábem-ſe os projéctos da vaidáde;
Rompaõ-ſe os da ambiçaõ; e dê-ſe hũ córte
A quanto fôr eſtôrvo da piedáde.
(fórte,
Mas ah! Que hé taõ meſquinha a humana
Que para perſuadir-ſe da verdáde,
Naõ baſta a vida, hé neceſſária a mórte.

SONETO.

NAõ, acêrto naõ foi, que em liberdáde
Nos deixaſſe, Senhor, a Academía;
Porque dos voſſos annos na alegría,
Se perde inda a maior capacidáde.

Suſtêr de toda a luz a immenſidáde
Naõ póde a mais robúſta fantaſía;
E hum raio ſó talvez que deixaría
Huma parte obſervar da claridáde.

De mil virtudes voſſas na affluência,
Indeciſo ſe móſtra o penſamênto,
Sem ſaber a qual dêva a preferência:

E no vago do aſſumpto, ao entendimênto
Lhe ſérve a meſma Copia de indigência,
Porque céga, ſe hé grande, o luzimênto.

SO-

Aos annos do dito Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar.

SONETO.

DO amôr, e da modéſtia, Auguſto In-
(fante,
Hum raro exemplo ſois, pois igualmênte
Moſtrais ao noſſo gôſto alegre a frênte,
E voltais aos applauſos o ſemblante.

Affavel para os mais, naõ ſois baſtante
A ſuſtêr o louvor o mais decênte;
E ſe ſois para o júbilo preſênte,
Para os próprios encómios ſois diſtante.

Eu bem ſei que vos cuſta, mas hé díno,
Que os voſſos annos façaõ manifésto
Deſte combate o modo peregríno.

Para ver-mos em Vós com vário géſto,
Que ſe á noſſa alegría ſois benígno,
Aos voſſos elogíos ſois modéſto.

SO-

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

MAis do que Braga Auguſta a ſácra Eſ-(phéra,
Que rége, que illumina o Vaticáno,
Da perfídia infiél por deſengáno,
Em Vós Senhor todo ſeu lúſtre eſpéra.

O ſangue Régio, a educaçaõ ſevéra,
As Artes liberaes, o génio humáno,
E da virtude o culto ſoberáno
A grande expectaçaõ nos aſſevéra.

Bem ſei que a extenſaõ deſte deſénho
Immenſos raſgos no futúro lança;
Mas nem ſempre delira o vago engénho.

E ſe errar eſta noſſa ſegurança,
Será talvez, que Vós o deſempénho
Inda faréis maior do que a eſperança.

SO-

Ao meſmo Senhor.

SONETO.

N'Eſſa acçaõ, em que a túba da verdáde
Perdoens procláma, e júbileus publíca,
Fazeis, Senhor, que o mundo incerto fíca,
Se hé mais grãde o Eſplendôr, ſe a Santidáde.

Nelle em tudo hé piedóza a Mageſtáde,
Em tudo a devoçaõ hé nella ríca;
Porq̃ lhe offrece a terra, e o Céo lhe applíca
Quanta riqueza tem, quanta piedáde.

Abérta a voſſa maõ Real, e júſta
Por eſte modo os olhos nos encanta
Q'inda o meſmo que vém a crêr lhes cúſta.

E aſſim ſegunda Rôma, em glória tanta,
Naõ ſó deixais a Braga mais Augúſta,
Mas lhe dais hoje o titulo de Santa.

SO-

Ao meſmo Senhor, quando ſe publicou o Jubileu em Braga no anno de 1780.

SONETO.

DE tres Deozas a grata formoſúra;
De tres vozes a doce melodía
Tudo juncto logrei: e eu naõ podía
Neſte mundo encontrar maior ventúra.

Suſpendía-ſe a viſta na luz púra,
A attençaõ ſe elevava n'harmonía;
Mas com tal ſuſpenſaõ, que eu naõ ſabia
Diſtinguir a belleza da doçúra.

Aſſim paſſei feliz neſta incertêza
Horas breves; ſe o tempo paſſa em tánto
Que huma alma dos enleios eſtá prêza:

Em fim tudo me tinha em bello encánto;
Eleváva-me a viſta a gentilêza
Suſpendía-me o ouvido o doce cánto.

SO-

SONETO.

AQuí, onde me trouxe o fado dúro
Para paſſar da vida o triſte réſto,
Hé tudo hum eſpectaculo funéſto,
Em que a viſta apaſcênto, o peito apúro.

Do Maráõ carregado o forte múro,
E dos penhaſcos o medônho géſto,
Hum me prende, outro fáz com que moléſto
Seja aos meus paſſos eſte albérgue eſcúro.

Aquí ſó por inſtincto ſe govérna
A gente bruta: aquí feróz me avíza
Da brénha a féra, a ſérpe da cavérna.

Aquí todo o meu mál me martyríza;
Que até, para fazer-me mágoa etérna,
O aſpécto de mim meſmo me horroríza.

SO-

SONETO.

O' Vós, que appetecéis, os q̃ algum día
Vérſos cantei de amôr; vós por piedáde
Deixai ficar em muda eſcuridáde
Delírios vaõs da vaga fantaſía.

A paixaõ os dictou; e a melodía
Lhe deo deſculpa na florente idáde:
Eſta paſſou-ſe; e o lúme da verdáde
A deſcobrír-me os êrros principía.

Já véjo que andei cégo; mas por óra
(Couza que acconteceſſe eu naõ ſuppúnha)
Vejo do peito o antigo affecto fóra.
(púnha
E vejo em fim que a quella, aquem eu
Acima das eſtrellas, hé já agóra
Em vêz de Nize bella, Inêz da Cúnha.

SO-

SONETO.

I De outra vez, Prelado Illuſtre, embóra,
Para dar nova glória ao Sácro Aſſênto;
Pois elle reconhéce que o ornamênto,
Mais do que dá, de Vós recebe agóra.

Elle com vóſco os luſtres ſeus melhóra;
Que á Virtude, a Sciencia, o Naſcimento,
E tudo o mais, que augmenta o luzimento,
Lhe forma o Eſplendor que o condecóra.

Ide pois, caminhai; porque á porfía
Do Céo por toda a parte a claridáde
Felicidádes mil vos annuncía.

E os Póvos, em penhôr deſta verdáde,
Vos eſpéraõ nas portas da alegria,
E vos deixaõ no extremo da ſaudáde.

SO-

Ao Excellentiſſimo Biſpo de Pinhél, partindo de Alémtém para o ſeu Biſpáão.

SONETO.

ERige, Ulyſſea, embóra, ao Rey dedíca
Eſſa ſublime Eſtátua, elle a meréce;
Que quem tanto te illuſtra, e te ennobréce,
Mais que te acceita, o cúlto juſtifíca.

Tu neſſe brônze aos ſéculos publíca,
Quanto deves á maõ, que te engrandéce;
Que em parte os beneficios agradéce
A nóbre confiſſaõ, que os certifíca.

Deu-te elle hum novo ſêr, e hum tal au-(gmênto,
Que na tua grandeza eſtupefácto
Se paſma ao vêr-te o peregrino attênto.

Móſtra-lhe entaõ, q̃ o teu maior ornáto
Hé guardar, neſſe augúſto monumênto,
Do teu ſegundo Ulyſſes o retráto.

L SO-

Quando ſe levantou a Eſtátua Equeſtre do Senhor Rey D. Joſé I. anno de 1776.

SONETO.

NEſſe, ó Ullyſſea fiél, bronze robúſto,
Por Phidias Luſo a fórma reduzído,
Que de ráro lavôr enrequecído
Aſſombro á viſta cauſa, ao tempo júſto:

Neſſe Régio Colóſſo, objecto júſto,
Que conſágra teu peito agradecído,
Satisfazes ao culto mais devído,
Retráctas dos teus Reys ao mais Augúſto.

Tu lhe dedícas huma Eſtátua, e attênto
Elle ſempre ao teu bem, fáz mais notória
A cauſa que inſpirou teu nobre intênto.

Para que aſſim no Templo da memória
Se leia, ſendo ſó hum monumênto,
Gravada a tua fé, e a ſua glória.

SO-

Ao meſmo aſſumpto.

SONETO.

POr mais q̃ em fórja ardente, e fáfrá dúra
Liquíde a Arte o bronze, o ferro báta,
O tempo, Ulyſſea, o tempo lhe arrebáta
Quantos repáros inventar procúra.

Os metáes gaſta, os jaſpes desfigúra,
Os arcos rómpe, os Templos deſacáta,
Os Colóſſos derrúba, e desbaráta
A maquina maior, e mais ſegúra.

Se tu pertendes pois do eſquecimênto
Alcançar neſſa Eſtátua huma victória
Ao Nóme do teu Rey, muda de intênto.

A ti te móſtra, como immortal glória;
Pois tens em cada pedra hum monumênto,
Capaz de conſervar-lhe huma memória.

Ao meſmo Aſſumpto.

SONETO.

IDe, Princepe amado, que ſería
Deſejar o contrário, deslealdáde:
Pois fôra por poupar huma ſaudáde
Roubar-vos hum motivo de alegría.

Ide, que juncto ao Thrôno hoje vos guía
Do ſangue o Amôr, do ſcéptro a Mageſtáde:
Ide, e fiquemos nós; mas por piedáde
A diſtancia incurtai que nos deſvía.

Vá comvôſco o devêr, parta a clemencia;
Aquelle vos conduza; e eſta em tanto
Faça contra as demóras reſiſtencia.

Porq̃ vós nos deixais em tal quebranto,
Que o tempo que durar a voſſa auzencia,
A medida há de ſer do noſſo pranto.

SO-

Partindo para Lisboa o Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar Arcebiſpo Primáz.

SONETO.

ESſe do ſômno dôce eſquecimênto,
Que iguála hum triſte ao mais affortunádo;
Porque aquelle naõ ſente o ſeu cuidádo,
E eſte naõ lógra o ſeu contentamênto:

Eſſe que amortecendo o ſentimênto
Suſpende todo o mál de hum deſgraçádo;
Sómente contra mim ſe móſtra irádo,
Em vêz de me applacar o meu tormênto.

Em ſônhos vaons de ſórte me figúra
Caſos de horrôr, objéctos de agonía,
Que até dormindo encôntro a deſventúra.

E a tenáz apprehenſaõ da fantaſía
No meio me fáz vêr da noite eſcúra
Hum meu crédor, que me fallou de día.

SONETO.

ZOroáſtes na Pérſia, Hermes no Egypto,
No ſímbolo da luz, no da ſerpênte,
Ao mundo déraõ leis, que reverênte
Guardou com firme, com ſagrado ríto.

Depois o cõductôr do Hebreu proſcrípto
Outras novas propôz: ultimamênte
Veio o Evangelho illuminar a gênte,
E illudír o Alcoraõ, pôvo infiníto.

A terra toda aſſim ſe conduzía,
Recebendo os preceitos da piedáde,
No culto que viſivel ſe fazía.

Até que veio em fim a noſſa idáde;
E fazendo de todos zombaría,
Fórma outra nova lei da liberdáde.

SO-

SONETO.

TUdo ſe muda: o génio unicamênte
Em ſêr conſtante nos mortaes porfía,
Comnôſco a vír ao mundo principía,
Comnôſco mórre, e nunca ſe deſmênte.

Elle as paixoens na idáde mais florênte,
Elle as accende na velhice fría:
Hé ſempre o meſmo, e em nada ſe varía
Por mais que á vida a duraçaõ ſe augmênte.

Diſſimula-ſe ſim, mas qualquer hóra,
A pezar da mais rígida cautéla,
Nos entréga cruél, e as faces córa.

Aſſim o antigo ardôr, que me atropélla,
Aſſim me incíta, ó Nize, a que inda agóra
Te adóre amante, e te celébre béllа.

SONETO.

O Sábio hé ſempre igual, e naõ ſe eſpãta,
Por mais vária que a ſórte ſe lhe off'rêça;
Que o mál nunca lhe fáz q̃ a frênte dêſça,
E o mais ſublíme bem lha naõ levanta.

Quer lhe tôrça cordéis para a garganta,
Quer coroas lhe pônha na cabêça;
Nem a pena lhe fáz que ſe entriſtêça,
Nem hum gôſto feliz ſeu peito encanta.

Aſſim Sócrates foi; mas eu queria,
Que elle viſſe de Nize a face púra
Para prova da ſua valentía.

Pois ſó tivéra entaõ glória ſegúra;
Se de Amôr reſiſtiſſe á tyrannía,
Se de hum rôſto gentil á formoſúra.

SO-

SONETO.

QUando a pálida maõ da infauſta mórte
Vibra a fouce infeliz, no duro intênto
De apartar-nos da viſta o Régio alênto,
Que honrou a paz, que ſubjugou Mavórte;

Suſpeitáraõ, Senhor, que deſta ſórte
Pertendeis augmentar noſſo tormênto;
Fazendo que o elevádo monumênto
Maior lembrança dê do injuſto córte.

Mas oh! Queixas naõ fórme na triſtêza
Quem de prantos votivos na lealdáde
Bánha as pômpas, que ergueu voſſa finêza.

Pois para algum alívio da ſaudáde,
Precizo foi na lúgubre Grandeza
As ſômbras conſervar da Mageſtáde.

SO-

Ao Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar, fazendo as Exequias do Senhor Rey D. Joze I.

SONETO.

ESſe, Raynha Excélſa, eſſe que agóra
Te cínge aureo Diadéma a Régia frênte,
Aonde o preço do metál luzênte
A rára indúſtria do lavôr miróra.

Eſſe ornáto Real, que o mundo adóra,
Hoje inutil ſe fáz na acçaõ prezênte;
Que para dominar a Luſa gênte
Outro adôrno maior te condecóra.

Sublimes dotes tens; que em toda a párte
Ganharáõ coraçoens, ſem que os ajúde,
Eſſa inſígnia brilhante a venerár-te.

E ſe intentas que o culto ſe naõ múde,
Devido ao Rito Auguſto de acclamár-te,
Tens Coroa melhor na da virtúde.

SO-

Na Acclamaçaõ da Raynha Noſſa Senhora, anno de 1777.

SONETO.

PAſſa alégre o Paſtôr, que ſem talênto
Para entender as maximas de Eſtádo,
Cuida ſó no govêrno do ſeu gádo,
Sem cançar no do mundo o penſamênto.

Naõ tracta de mais nada: e vive izênto
De diſputar com frívolo cuidádo,
Se o valído do Rey hé hum malvádo,
Se ao bem dos Póvos hum Miniſtro attênto.

Nem o nôme lhe ſabe: e ſó decóra
O dos ſeus Reys, com fé taõ púra, e tanta
Que conſtante os celébra, e humilde adóra.

Ao ſom da dôce flauta a voz levanta;
As memórias do Pay ſaudôſo chóra,
E as virtudes da Filha alégre canta.

SONETO.

DO ſômno aquelle dôce aturdimênto,
Que os ſentídos nos tira, he certamênte
A dádiva maior, que o Omnipotênte
Fazer podia ao noſſo deſalênto.

Elle fáz com ſuáve eſquecimênto
As condiçoens iguaes a toda a gênte;
Pois nem o triſte os ſeus pezares ſênte,
Nem o ditôzo o ſeu contentamênto.

Dórme o Rey no Palácio; na cabána
Dórme o Paſtôr; e com prizaõ taõ fórte,
Que o proprio eſtado cada qual engána.
(ſórte,
Más ah! Quanto hé meſquinha a noſſa
Que o bem maior da natureza humána
A imagem vem a ſêr da triſte mórte.

SO-

SONETO.

ESta, que Filha foi, que foi Conſórte,
Irmã, e Mãy de Reys, já, o Paſſante,
De baixo deſte marmore pezante,
Céde tanto eſplendôr da Parca ao córte.

Marianna morreu: e a dura ſórte
A deſpojou de tudo em hum inſtante;
Porq̃ igualmente ao throno o mais brilhante,
E á mais pobre cabána inſulta a mórte.

Scéptro, Coroa em fim o gólpe rúde,
Que as pômpas rómpe, q̃ os troféos arráſta,
Nada deixou ficar neſte Ataúde.

Todo o adôrno Real delle ſe afáſta;
E apênas das imágens da virtúde
Decorádo ſe vê; mas iſſo baſta.

SO-

Ao Falecimento da Auguſtiſſima Senhora D. Mari anna Victória, Rainha Fidelíſſima de Portugal, anno de 1780.

SONETO.

A Mórte, que executa a lei do fádo
Com diligencia tanta, que atégóra
Naõ deixou preterír huma só hóra,
Inda a favor do mais affortunádo;

Que a cúrva fouce épúnha, e o braço irádo
Contra os mortaes em toda a parte arvóra;
A mórte digo, a mórte se demóra,
Ainda que a tenho vezes mil chamádo.

Sómente a triste glória de homicída
Naõ quer lograr comigo; e se recáta
Para dár-me huma pena mais crescída.

Quer vêr-me mais penar: e me diláta
Huma infeliz, huma enfadonha vída,
Por ser cruél até quando naõ máta.

SO-

SONETO.

Vio-se hum amante, o centro da Ava-
reza;
Hum dia junto de huma formoſúra,
Que, dando-lhe hum remoque com doçúra,
A bôlça o fêz abrir ſôbre huma mêza.

Tenha maõ, ella diz; que eſſa deſpêza
Hé taõ rára, Senhor, que me ſegúra,
Pois que ſei desfechar maõ que hé taõ dúra,
Que dêvo ter alguma gentilêza.

Iſſo me baſta ſó. Naõ, lhe replíca
O muito reverendo enamorádo,
Ao mênos me receba o que ahi fíca.

Raſgou-ſe aquelle peito o mais ſerrádo;
E tanto, que deixára a Dama ríca,
Se a offérta lhe acceitaſſe: era hum cruzádo.

SO-

SONETO.

TO', Mondêgo, vem cá; pois tu só-(mênte
Alivías hum pouco o meu cuidádo;
Que em parte ſe conſola hum deſgraçádo,
Quando tem quem lhe eſcute o mal q̃ ſênte.

Tu firme; tu leál; tu finalmênte
Me tens na minha auſencia accompanhádo:
Raro impulſo de amôr! porque ao ſeu ládo
Ninguem quer ſupportar hum deſcontênte.

Ora deixa, que em prémio da piedáde,
Com que o teu zêlo ao meu tormento aſſiſte,
Farei teu nome emblêma da amizáde.
(ouviſte,
E os vérſos meus que hum tempo alégre
Cantaráõ, para exemplo da lealdáde,
Hum Rafeiro fiél de hum Paſtôr triſte.

SO-

SONETO.

MOrreo o meu Mondêgo, o que algum (día
Com tál diſvélo me guardava o gádo,
Que nem lôbo voráz ſôbre o montádo,
Nem no curral ladraõ ſubtíl ſe vía.

Elle por toda a parte me ſeguía,
E com affecto tal, com tal cuidádo,
Que inda depois de vêr-me deſgraçádo,
Inda aſſim nos meus máles me aſſiſtía.

Ora repouza em páz, e unidamênte
Quem eu ſou, quem tu foſte, eſte letreiro
Faça algum dia, a quem o lêr, patente.

Aqui jáz ſubterrado neſte outeiro,
Dando exemplos de amigo a muita gênte,
De hum Paſtôr triſte o mais fiél Rafeiro.

SONETO.

PAſtôr hum tempo, e agora Pegureiro,
Vivo o mais infeliz deſte montádo,
Sem Pátria, ſem cabana, e ſem mais gádo,
Que as féras que me cercaõ neſte outeiro.

Tudo o mais me roubou o derradeiro
Dia em que fui feliz: que o duro fádo
Até por me deixar mais deſgraçádo,
A vida me arrancou do meu Rafeiro.

Elle por toda a parte me aſſiſtía,
E com tanta lealdáde, que comígo,
Se acaſo eu foſſe á morte, á morte hiría.

A fóme, a ſêde, a calma, o deſabrígo,
Só por me naõ deixar, fiél ſoffría:
Eu perdí nelle o mais leal Amígo.

SO-

SONETO.

Discréto Albíno, a tua mocidáde
Juncta á minha velhíce bem podía
Formar huma terceira melodía,
Nem toda flôr, nem toda auſteridáde.

O mundo entaõ com grata novidáde
Talvez que os noſſos verſos ouviría;
Que o gêlo meu, e o teu ardôr faría
Huma bem concertada variedáde.

Vibrando tu da Cythara canóra
As fíbras prateádas, mais cadênte
Sahíra a minha voz do peito fóra.

Mas que há de ſer! ſe chêgo de repênte,
E apênas deſte albérgue poſſo agóra
Mandar-te eſſe Sonêto por prezênte.

SONETO.

MEio já neſte leito amortalhádo;
Paſſo da vida o derradeiro réſto;
A mim meſmo enfadônho, aos mais moléſto,
E aborrecido ao Céo, que vejo irádo.

Sobre a frente o cabêllo arrepiádo,
Os olhos turvos, macilênto o géſto,
Naõ ſou mais que eſpectáculo funéſto,
E verdadeira imagem de hum finádo.

Parece-me que á porta a morte triſte
Me bate já: que a fouce afía; e dúra
Levanta o golpe, a que ninguem reſiſte.

E quem ſabe? Talvez que a noite eſcúra,
Que etérna me há de ſer, de mim ſó diſte,
Quanto vai deſta cama á ſepultúra.

SONETO.

ESta vida infeliz que me naõ lárga;
Só por dár ao meu mal maior augmênto,
Parece que igualando o meu tormênto,
Quanto mais elle créſce, ella ſe alárga.
(márga
Tenáz naõ quer deixar-me; e tanto a-
Me rouba o gôſto, e eſgóta o ſoffrimênto,
Que muitas vezes facudír intênto
Dos hombros frácos meus taõ lônga cárga.

A Parca invóco entaõ; e a Parca dúra
Os votos me rejeita, as cóſtas víra,
E vai ferír a quem a naõ procúra.

Porque quando a morrer hum triſte aſpíra,
Como a mórte lhe ſérve de ventúra,
A mórte encóſta a fouce, e ſe retíra.

SO-

SONETO.

HUma mulher de bem, em outra idáde,
Raras vezes em público ſe vía;
Hoje ſe móſtraõ todas, que ſería
O nunca apparecer, ruſticidáde.

Fallar com hum Perálta era maldáde;
Cortejallos agóra he galhardía:
A dança deſdouráva a que a ſabía;
Hé hoje o naõ dançar ſimplicidáde.

Eſtas transformações tem por offício
Fazer a moda vã, que ao mundo illúde,
Compôr em tudo hum novo fronteſpício;

Ella até faz que Amor o nome múde;
Pois, paſſando inda á pouco por hum vício,
Dizem ſe chama agora huma virtúde.

SO-

Sátira ás modas.

SONETO.

ADeos, Nize gentíl: a minha idáde,
Que já de luſtros dôze hum pouco páſſa,
Torpe a maõ, tarda a planta, a viſta eſcáça,
Hé ſó reſto infeliz da humanidáde.

Tudo o mais foi deſpôjo da impiedáde,
Com que o tempo voráz nos deſpedáça:
Roubou-me o brío ao peito, ao rôſto a gráça,
E nada me deixou de realidáde.

Apenas me conſerva por figúra,
Que merêça por ultima decência
O nicho que lhe fórma a ſepultúra.

Em fim naõ poſſo mais: a minha auzência
Outro póde ſupprir; que a formoſúra
Nunca ſe ſatisfaz de huma apparência.

SONETO.

DO Redemptor com tanta melodía
Cantaſte, bella Irêne, o Naſcimênto,
Que ás Almas inſpiraſte o movimênto
Do affecto, da ternúra, e da alegría.

Motivo mais ſuprêmo naõ podía
Neſte mundo occupar o penſamênto:
Era immortal o aſſumpto, era o concênto
A mais dôce porçaõ de huma harmonía.

Acreſcentaſte, Irêne, ao páſmo múdo,
Que infundía das vózes a deſtrêza,
Para a viſta tambem hum novo eſtúdo:

Soubeſte unír cadências á bellêza;
Porque grande huma vêz ſe viſſe túdo,
A conſonáncia, o objecto, a gentilêza.

SONETO.

EM quanto vós, ſábio Paſtôr, guiádo,
Mais das leis do devêr que da grandêza,
Dêſtes montes na incommoda durêza
Páſto ás ovelhas vindes dar ſagrádo:

Em quanto, huma vêz Pay, outra Preládo,
Miſturais com Cathólica deſtrêza,
Ora largos ſoccórros á pobrêza,
Ora ſanctas emendas ao peccádo:

Em quanto em fim fazeis que ſe conſíga
No Templo melhor culto, e que a piedáde
Por toda a parte os voſſos paſſos ſíga;

Permitti, que em taõ nova raridáde
Duvíde, ſe inda eſtou na Igreja antíga,
Ou ſe a Fénis ſois vós da noſſa idáde.

SO-

Ao Excellentiſſimo Biſpo do Porto D. Fr. Joaõ Rafaël de Mendóça.

SONETO.

JA' ſe derréte a néve, e da montánha
Em líquida corrênte ao valle déſce,
Os campos réga, as margens humedéce,
Borrifa a tenra flôr, a rélva bánha.

No monte a brênha, o máto na campánha,
No bóſque a planta, em fim tudo floréce;
Até no trônco antigo a héra créſce,
E a rude penha novo muſgo gánha.

O frêſco Abril em toda a parte arvóra
O vêrde pavilhaõ, em que ſe eſméra
Toda a pompa gentíl, que produz Flóra.

Tudo alégre ſe vê; ſómente auſtéra
Naõ quiz a minha ſórte, que atégóra
Chegaſſe para mim a Primavéra.

SO-

SONETO.

O' Vós, que foſtes Nimphas algum día,
E hoje Matronas ſois, vós, que me ouviſtes
Ora cáſos allégres, ora triſtes
Cantar de amôr com dôce melodía:

Vós, que hum prudente pai, vós q̃ hũa tia,
Que o marído illudír talvez me viſtes,
E por ſignal que ás vêzes vos ſorriſtes
De alguns eſtratagêmas que lhe ordía:

Vós, deixai-me eſquecêr: e por piedáde
Conſentí que da vida tranſitória
Diſcôrra em páz na decadente idáde.

Riſcai os meus ſucceſſos da memória;
Que ás vêzes ſaõ motivo da ſaudáde
Dôces lembranças da paſſada glória.

SONETO.

EM quanto tu, nobre Malheiro, atádo
Mais ás leis do devêr, que ás da vontáde,
Ao Principe melhor da noſſa idáde
Serves com honra, e aſſiſtes com cuidádo:

Em quanto atráz da féra arrebatádo
Pizas o mônte, e deixas a Cidáde,
E affoutando dos caẽs a lealdáde,
Matas a lebre, e ſégues o viádo:

Em quanto do jardím as bellas plantas
Cultívas diligente, ou fórte môntas
Nos cavállos leáes, e nos eſpantas:

Em quanto em fim devóto te remôntas
No ſacro culto, e ceremónias ſanctas;
Eſtes vérſos te faço, e rezo as côntas.

SO-

SONETO.

EU naõ creio que a noſſa Fidalguía
Procedeſſe d'Adam, que era hum coitádo;
Hum paizáno, que nunca andou calçádo,
Hum póbre, que de pélles ſe veſtía:

Naõ têve Armas, Brazoens; nem poſſuía
Por prova de ſer nobre algum Morgádo:
O fôro nunca vio; nem foi tractádo,
Como agora ſe fáz, com Senhoría.

Eva inda foi piôr, pois na Eſcriptúra
Se naõ tracta de Dom, nem de Excellência,
Nem ſe diz ſe nas danças fêz figúra.

E aſſim venho a tirar por conſequencia,
Que eſtando hoje a nobreza em tanta altúra
Naõ tras delle, nem della a deſcendencia.

SO-

SONETO.

A Mérte, que mil vezes arrebáta
Tanta gente feliz, que a naõ meréce,
De mim, vendo que a vida me aborréce,
De mim, por mais que a chamo, ſe recata.

Pára o relógio, as horas me diláta,
Augmenta o meu tormento; e aſſim paréce
Que aos vótos que lhe off'rêço ſe enſurdéce,
Por ſer cruél até quando naõ máta.

Rogo-lhe em fim, que já q̃ o ſecco bráço
Da fouce em mim naõ deſcarrega o córte,
Me ter ſpaſſe hũ punhál, me apérte hũ láço.

Mas ſou taõ infeliz na minha ſórte,
Que para padecer mais longo eſpáço,
Zômba de mim, e me deſpréza a mórte.

SO-

SONETO.

ORa o Maráõ de eſcuro nevoeiro,
Ora cobérto eſtá de néve fría,
Ora chove, ora vênta, e ſe arrepía
O gado ſem paſtôr em cada outeiro.

Aſſim ſe avíſta o pérfido Fev'reiro
Enganador da may; á qual hum día,
Quando o mais claro ſól reſplendecía,
De repente cobrío de hum ſeraiveiro.

O vênto, a chuva, o gêlo, finalmênte
Todo o tempo hé cruél, e reſiſtencia
Lhe fáz com cuſto o lavrador valênte.

Em quanto a mim, taõ dúra convivência
Já ſe me fáz hum pouco impertinente;
Mas ſenaõ há Renúncias, paciencia.

SO-

SONETO.

NA muda ſolidaõ deſte apozênto
Naõ tenho mais que a triſte companhía,
Que de noite me fáz, me fáz de día
O conſtante teôr do meu tormênto.

Sempre me aſſiſte, e nunca hũ ſó momênto
Deſte miſero leito ſe deſvía:
E parece que a ſua rebéldía
Tóma na duraçaõ hum novo augmênto.

Tudo o tempo deſtróe: unicamênte
Da minha mágoa a bárbara impiedáde
Hé ſempre a meſma; e nunca ſe deſmênte,

Eu bem ſei que no Céo naõ há cruéldáde;
Mas comigo paréce que inclemente
Me fáz penar por huma eternidáde.

SO-

SONETO.

AQuí onde o Maráõ a eſpádua dúra
Curva, Nize gentíl, ſôbre a campánha,
Como opprimido da ouzadía eſtránha,
Com que as móles do Céo ſuſtêr procúra:

Aquí onde mais grita que murmúra
Sombría fonte, arrôjo da montánha,
Que, ſuppondo-ſe río, naõ ſó bánha,
Mas trôncos mórde, e marmores apúra:

Aquí aonde o boſque a cada pénha
Téce grinaldas mil com tôſco alínho
Da tarde ou nunca penteáda grénha.

Aquí aonde apenas faz camínho
Rúſtica planta, por confuſa brénha;
Aquí, Nize gentíl, tenho hum moínho.

SONETO.

O Mundo hé már: a vida hé náo: e o (vênto
Se fórma das paixoens da humanidáde;
E ellas ſópraõ com tanta variedáde,
Que hé tudo confuſaõ no movimênto.

Se huma vêz há bonança, vêzes cênto,
Qual Piloto a razaõ na tempeſtáde
Se pérde, ſem que ao porto da verdáde
Nos poſſa conduzir a ſalvamênto.

Oh! Queira o Céo, que eu chegue a elle (hum día,
Aonde a reſpirar o peito humáno
Sem mêdo das tormentas principía;

Elle fáça que em fim eu vêja ufáno
O ſagrado faról, com que nos guía
Para a Pátria Celeſte o deſengáno.

SO-

SONETO.

MUſas, a Deos: q̃ o mundo principía
A moſtrar que de ouvír-me eſtá cançádo;
Eſte mordaz me chama, aquelle ouſádo,
E eſtoutro de Cenſôr me calumnía.

Naõ tem remédio; a Deos: que a melodía
Deixa de o ſêr aſſim que cauſa enfádo;
E quem naõ quer ſoffrer hum deſagrádo,
Continuar naõ déve o que enfaſtía.

Siléncio pois: e eſconda-ſe o inſtrumênto,
Ao ſôm do qual cantei, que o naõ penétre
Nem inda hum ſôpro do mais léve vênto.

Hum ſó dos vérſos meus ſe naõ ſolétre;
E deixemos em mudo eſquecimênto
Tanto Perálta, e tanto Petimétre.

SONETO.

NIze, deixa-me em paz, porque já agóra
No már de Amôr, por mais que á vela sáia,
Carcaſſa vélha ſou, que junto á práia,
Por naõ poder ſurgír, ſe deſarvóra.

A Deos, que quem me vír da bárra fóra;
Hé capáz de me dár alguma váia:
E ao menos quero, antes que ao fundo cáia,
Inda ſalvar-me: a Deos; fica-te embóra.

Bem ſei q̃ pouco hé já; más por vanglória
(Porque ás vezes ſe fáz do proprio dámno)
A meſma falta hei de fazer notória.

E no público altar do Deſengáno,
Deixarei dos eſtrágos por memória
O deſtroçádo léme, e o rôto pánno.

SONETO.

QUando ſinto de Nize hum deſagrádo,
Quando lógro hum favôr, entaõ duvído,
Se hum ſerá do deſprezo cõmovído,
Se outro d'hum dôce affecto occaſionádo.

Naõ a poſſo entender: ſeu rôſto amádo
O deſprêzo, e favôr tráz tanto unído,
Que eu naõ ſei quando della ſou querído,
Nem quando dos ſeus olhos deſprezádo.

Sei ſó que he taõ gentíl, que endurecída,
E que branda ſe fáz com igual ſórte,
Sempre de hum peito amante appetecída;

Pois chega a ſer o ſeu poder taõ fórte,
Que inda ingráta, a eſperança me dá vída,
Que inda benigna, o goſto me dá mórte.

SONETO.

O' Vós, Damas gentíz, q̃ com deſtrêza
De prendas adornais a formoſúra,
Para ſe duvidar com tal miſtúra,
Se a graça em vós hé mais, ſe a gentilêza:

Vós, q̃ a gála ao devêr trazeis taõ prêza,
Que decidír naõ póde a conjéctúra,
Qual mais adoraçaõ vos aſſegúra,
Se da virtude a luz, ſe a da bellêza:

Vós, que trazeis em fim arrebatádo
Com divérſa attençaõ a cada peito
Entre a voſſa decencia, e o voſſo agrádo:

Vós permitti, que poſſa o meu conceito,
Das voſſas perfeiçoens equivocádo,
Unír o meu affecto ao meu reſpeito.

SO-

SONETO.

ADeos, Laura gentíl, fica-te embóra;
E a novo adoradôr feliz te enláça:
Desfruta a mocidáde, porque páſſa
Depréſſa o tempo, e tudo nos devóra.

Eu de nada te ſírvo; pois já agóra
A trémula velhice me embaráça;
E o têr zêlos além da mórte eſcáça
Tranſcende a maior fé de quem ſe adóra.

Naõ falta gente môça; eu te conféſſo,
Que produz grande cópia a noſſa idáde,
Em quem pódes lograr melhor ſuccéſſo.

Elége hum entre mil, enche a vontáde,
Pois tens onde eſcolher; eu ſó te péço,
Que a dár-me hũ ſucceſſor naõ ſeja Abbáde.

SONETO.

ENxúga aquelle pranto, que atégóra
O rôſto te inundou, triſte Amarante;
Pois tambem chega ao Támega diſtante
A meſma Auguſta Maõ, que o Téjo adóra.

Ella o rio ſubjúga, e te decóra,
Fazendo que outra Ponte ſe levante,
Onde inda há pouco afflicto o caminhante
Naufrágios receou, ſoffreu demóra.

Tu ſôbre a excélſa fábrica contênte
Bem cêdo moverás a planta túa,
Sem que te prenda a liquida corrênte.

Mas que muito! Se fáz que ſe conſtrúa
Nella o teu bem, e o bem de tanta gênte
Huma grande Rainha á cuſta ſúa.

SONETO.

O Zêlo teu a promovêr attênto
O Diplôma Real, douto * Maníque;
Fáz que Amarante agóra te fabríque
Na ponte que prepára hum monumênto.

Cada pedra há de ſer hum fundamênto,
Com que o teu nome eternizádo fíque;
Pois chegaſte a fazer que ſe edifíque
Paſſagem prompta ao caminhante lênto.

Elle, que vezes mil ſe vio pendênte
Do Támega na margem, por vanglória
Zombará delle, e paſſará contênte:

E lendo em cada hum arco huma memória,
Fará bem cêdo em teu louvôr patênte
A ſua ſegurança, e a tua glória.

SO-

* *Intendente Geral da Policia.*

SONETO.

SE o Fádo tem por firme fundamênto
Dos orbes a perpétua permanencia;
Deixêmo-lo girar, que a diligencia
Naõ lhe póde mudar o movimênto.

Elle govérna tudo; e hé louco intênto
Pôr-ſe com o deſtino em competencia;
Porque para fazer-lhe reſiſtencia
Só ſe encontra podêr no ſoffrimênto.

Viva-ſe pois com peito ſocegádo,
E o ſegrêdo do tempo ſempre eſcúro
Naõ déve eſquadrinhar hum deſgraçádo:

Que o mal, ſeja qual fôr, ſe fáz mais dúro,
Se o recórda a memória do paſſádo,
Se o receia a ſciencia do futúro.

SONETO.

ADeos; já baſta, Amôr: amocidáde
Te off'reci por primeiro ſacrifício;
E ao depois a razaõ, e o deſperdício
Por ultimo te fiz da longa idáde.

O devêr, o decóro, a dignidáde;
Tudo arriſquei para te vêr propício;
E ſe a honra ſalvei do precipício,
Foi mais que favôr teu, do Céo piedáde.

Por teu reſpeito em fim delirei tanto,
Que eu meſmo celebrei com voz ſonóra
O motivo infeliz do proprio encanto.
(góra
Que queres mais de mim? Que eu inda a-
A lira pulſe, e te conſágre o canto?
Eſſe tempo acabou; fica-te embóra.

SONETO.

NAõ, gentil Heroína, eu naõ intênto
Formar-vos elogíos da bellêza;
Que aquillo, que ſe deve á naturêza,
Sómente ſervir deve de ornamênto.

Tambem julgo, q̃ hum cláro naſcimênto
Applauſos naõ merece; que a nobrêza
Dos Illuſtres paſſados foi grandêza,
Que em vós reproduzio o luzimênto.

Sei que as prêndas, as artes, finalmênte
O douto engenho, a quem Apóllo erúde,
Tudo em vós hé feliz, tudo eminênte.
Mas tambem ſei, inda q̃ humilde e rú-(de,
Que compôem hũ encómio o mais decênte,
Quem vos fórma os applauſos da virtúde.

SO-

A' Excellentiſſima Senhora D. Catharina Michaella de Souſa Ceſar e Alencaſtre. Enviada de Inglaterra.

SONETO.

ERa hum amante (e vejaõ qual ſería;
Pois que tinha por ſeu menor defeito,
Ser vélho, ſer aváro, e ſer mál feito,
Com mais certos achaques, que encobría.)

Era hum amante, digo; o qual vivía
Do Senhôr ſeu nariz taõ ſatisfeito,
Que a cérta Dama, e Dama de reſpeito,
Com ſer hum toleiraõ, zelos pedía.

Ficou de ouvillo a bella quaſi mórta:
E para o ſacudir entaõ lhe díſſe:
Meu Senhor, iſſo a mim pouco me impórta:

Aqui naõ cabe tanta parvoíce:
Se ſe quer recolher buſque outra pórta,
Que eſta caſa naõ tem cavalheríce.

SO-

SONETO.

FOrtunáta gentíl: e na verdáde
Nas áras da fortuna o tempo agóra
Os annos vos conſágra, e condecóra
Com os que hoje contais a voſſa idáde.

A gráça, a gentilêza, e a variedáde
Das prendas, que oſtentais, com elles móra;
E o mundo em fim com elles vos adóra
Na eſtaçaõ mais feliz da mocidáde.

Eu faço o meſmo: e ao voſſo culto attên-(to,
Se a Párca eſcuta os rogos dos humános,
Deprecálla eſta vez, devóto intênto.

Para que os gólpes ſeus ſempre tyránnos
Suſpenda contra vós; e vezes cênto
Nos deixe celebrar os voſſos annos.

SO-

SONETO.

SEnhora Nize, a Deos, e gaſte embóra
O ſeu café com eſſes meus Senhôres,
Que, entretendo-a de frívolos amôres,
Lhe fazem ſála até que naſce a Auróra.

A Deos, vólto a dizer-lhe; que já agóra
Naõ me atrêvo a eſtudar nóvos primôres:
Fique-ſe em páz; e emprégue os ſeus favôres
Em quem as aſſembléas condecóra.

Achará quem lhe falle com decência,
Quem lhe faça cortêjo; ultimamênte
Quem lhe faça agradavel convivência.

E ſe acaſo mandar hum bom prezênte,
Achará quem a tracte de Excellência;
Porque no mundo para tudo há gênte.

SONETO.

SE eu navegaſſe o mar; ſe eu foſſe á guérra;
Se habitaſſe onde a péſte ſe diláta;
Se entre tigres dormiſſe em negra máta,
Se entre leoens em ſolitária férra:

Se me picaſſe o dente com que férra
A vibora cruél, que logo máta;
Se tragaſſe a cegúde ao goſto ingráta;
Se o veneno chupaſſe ao fél da térra:

Se juncto a mim dos ráios cênto a cênto
Me apontaſſe dos Céos a bataría;
Em fim ſeu cahir viſſe o Firmamênto:

A tudo ſem pavôr reſiſtiría;
Que como naõ me acaba o meu tormênto,
Tambem dos outros máles zombaría.

SO-

SONETO.

ESTime o venturoſo a vida embóra;
Recéie de a perder; e diligênte
Repáros fórme, e máquinas invênte
Contra a fouce cruél que a mórte arvóra:

Faça por evitalla: que já agóra
Enfadádo por fim de ſer vivênte,
Só julgo que hé feliz hum deſcontênte;
Quando ſe parte deſte mundo fóra.

Elle hé deſterro, aonde a humanidáde
Naõ fáz mais que penar: e o Céo ſagrádo
Hé Pátria de immortal felicidáde.

Se hé pois ſupplicio o andar expatriádo;
A maior duraçaõ da noſſa idáde
Só ſerve de o fazer mais dilatádo.

SONETO.

DEpois que infeliz ſou, tenho aſſentádo,
Que me fôra melhor naõ ſer vivênte;
Porque ſó ſerve de aſſombrar a gênte
A medonha viſaõ de hum deſgraçádo.

Aonde quer que chego cauſo enfádo:
Todos fogem de mim; ultimamênte
Parece, que inda o Céo, com ſer clemênte,
Eſcuta os vótos meus com deſagrádo.

Nada me réſta mais do que a eſperança
De entregar como os mais a vida ao córte,
Que a Parca dura ſobre todos lança.

Mas hé tál até niſto a minha ſórte;
Que como hum triſte com morrer deſcança,
Encontro a vida, quando buſco a mórte.

SO-

SONETO.

NAõ, Preládo immortal; eu naõ intênto
Dos voſſos annos no feſtivo día,
Tecer-vos da Real genealogía
Para os voſſos applauzos o ornamênto.
Bem ſei, que o ſangue Auguſto hé luzi-(mênto,
Que a brilhar já no berço principía;
Mas eu deſcubro em vós maior valía,
Que a fortuna do Régio Naſcimênto.

Vós tendes outros dons mais ſoberános,
Que como em aureo anél em fim ſe engáſta
A gloria voſſa, e o páſmo dos humános.

Ella me guia, e quaſi que me arráſta;
Porque para applaudir os voſſos annos
Tenho a voſſa virtude, e eſſa me baſta.

Fazendo annos o Sereniſſimo Senhor D. Gaſpar Arcebiſpo Primáz.

SONETO.

REgio Senhor (naõ digo bem, ſe intento
Recordar-vos do ſangue a Mageſtáde;
Pois das voſſas acçoens a claridáde
Inda hé maior que o voſſo Naſcimênto.)
Sábio Paſtôr (mas inda hé curto augmênto
Para o voſſo louvor a Dignidáde;
Pois inda que hé maior, voſſa piedáde
Lhe dá mais, que recebe o luzimênto.)

Gaſpár feliz direi; porque ſómênte
Do voſſo claro nome o illuſtre brádo
Póde fazer a voſſa luz patênte.

Vós, Senhôr, acceitai hum que proſtrádo
Súbdito novo, agóra obediênte
Vos acha Pai, buſcando-vos Preládo.

SO-

Ao meſmo Sereniſſimo Senhor,

SONETO.

SE acaſo hum Cáfre o peito me rompêſſe,
E viſſe dentro delle o meu tormênto;
Póde ſer que com nobre ſentimênto
Hum Cáfre de ſer Cáfre ſe eſquecêſſe.

Póde ſer, que de mim ſe condoêſſe,
Deixando-me ficar, ſem que cruênto
Me tragaſſe as entranhas por ſuſtênto,
E o ſangue por bebida me ſorvêſſe.

Póde ſer; porque á viſta da humildáde
Barbaro algum naõ há, que naõ rebáta
Alguma parte ao mênos da crueldáde.

Só Nize, nunca branda, e ſempre ingráta
Me arranca o coraçaõ, e ſem piedáde,
Quanto mais eu me humilho, ella me máta.

SONETO.

A Trinta e cinco reis cuſta a peſcáda;
O triſte bacalháo a quatro e meio:
A dezeſeis vintens corre o centeio:
Do vêrde a trinta reis cuſta a canáda.

A ſétte, e oito toſtoens cuſta a carráda
Da tórta lenha, que do monte veio:
Vende as ſardinhas o gallêgo feio
Cinco ao vintem; e ſeis pela caláda.

O cujo regataõ vai com excéſſo,
Revendendo as pequenas iguarías,
Que da pobreza ſaõ todo o regréſſo.

Tudo eſtá cáro: ſó em noſſos días,
Graças ao Céo! Temos em bom prêço
Os tramóços, o arrôz, e as Senhorías.

SO-

SONETO.

DO inquieto már do mundo em fim can-
(çádo
Colher as velas quero: e aquí de fóra,
Como aquelle que juncto á praia móra,
As tormentas verei; más deſcançádo.

Quem quizer que o navegue: e carregádo
Do luzente metál, que o mundo adóra,
Feliz á patria volte: e muito embóra
Emprêgos compre, e viva reſpeitádo.

Palácios edifique; e nelles ténha
Sempre aſſembléa aberta á gente nóbre,
Que reſpeitoſa as filhas lhe entreténha.

Que eu na humilde cabána q̃ me cóbre,
Como nella a virtude a viver vénha,
Serei mais venturoſo, inda que póbre.

SONETO.

EU, que juncto á Cabána, em que vivía,
Tive huma ríca Ermida: e affortunádo
Ovelhas tantas tive, que o montádo
Com ellas branquejar alegre vía:

Eu, que tive prazer, tive alegría,
Tive nome entre os mais; eu deſgraçádo;
De quanto tive agóra deſpojado,
Naõ tenho nada mais, que a noite, e día:

Eu meſmo deixei tudo: e unicamênte;
A ſaudáde nos cófres da memória
Com diſvélo guardei, mas imprudênte;

Pois lendo nella a minha triſte hiſtória,
Me fazem ſer mais duro o mál prezênte
Dôces lembranças da paſſada glória.

SO-

Depois que o Autor renunciou o ſeu Beneficio.

SONETO.

NAõ canta o Rouxinol, como cantáva
Algum dia nos boſques de Jazênte,
Onde com grata voz movía a gênte,
Como Orpheo que os rochêdos abaláva.

Entaõ ſó para ouvillo procuráva
O ſábio occaziaõ conveniênte;
Sendo taõ dôce a voz, e taõ cadênte;
Que de prazêr o rúſtico ſaltáva.

Mas inda hoje conſérva tal bellêza,
Eo eſtilo de cantar ſublime, e vário,
Que moſtra ſer Cantôr por naturêza.

Elle imita ao Pardál, e ao ſolitário;
A' labérca, ao Cochixo; e na deſtrêza
Paſſa de Rouxinól a ſer Canário.

SO-

Por *hum anónimo depois da Renuncia do Autor.*

SONETO.

NO tempo, douto Amigo, em q̃ eu cantáva
Nos boſques ſolitarios de Jazênte,
Como ſó me attendía a rúde gênte,
Nenhum receio o peito me abaláva.

Dizía o que quería: e procuráva
O eſtílo aos males meus conveniênte;
E ſem me dár que foſſe ou naõ cadênte,
Do fá-bordaõ, junto ao ré-mi ſaltáva.

Mas vendo dos teus vérſos a bellêza,
Perſinto em mim o penſamento vário;
E até faltar-me a meſma naturêza.

E em vêz de celebrár-te ſolitário,
Neſte mônte immudêço, e ſem deſtrêza,
Sei ſó que hum Piſco ſou, e tú Canário.

SO-

Reſpóſta ao Sonéto anónimo.

SONETO.

HE taõ grande o rigôr do meu tormênto,
Que já nada no mundo me allivía:
A peſca, a cáça, o jogo, a companhía,
Em fim nada me dá contentamênto.

Tem tomádo em meu peito hũ tál augmẽto
O tyranno pezar que me anguſtía,
Que até das doutas Muſas a harmonía
Naõ chêga a minorár-me o ſentimênto.

Tudo aquillo aborrêço que á mais gênte
Coſtuma divertir; e de tal ſórte,
Que me enfáda o eſplendôr do Sól luzênte.

Odio tenho a mim meſmo: e hé taõ fórte,
Que mudo, ſolitário, e deſcontênte
Mais horrôr tenho á vida, do que á mórte.

SONETO.

DO leito, e do ſepulchro, naõ devía
Ser o nome diverſo; porque a gênte
Por módo em cada hum pouco diff'rênte
Nelles encontra a meſma companhía.

A mórte, e o ſômno, ambos da luz do día
Nos roubaõ o eſplendôr; e unidamênte
Para o que dórme, a cama hé tûmba quênte,
Para o que mórre, a tumba hé cama fría.

O dormír, e o morrer ſymbolo ráro
Vem a ſer de hum; e d'outro; e na verdáde
Eu ſem mais diſtincçoens, eu os compáro.

Oh! Queira o Céo por ultima piedáde,
Que me encontre depois hum dia cláro,
E me deſpérte o lume da verdáde.

SO-

SONETO.

EM quanto tu, gentíl Peixoto, attênto
Mais do theátro ás leis, que ás da vontáde,
Imitáſte de Honória a falſidáde,
Os crímes, o furor, e o fingimênto:

Em quanto das paixoens o movimênto
Expreſſaſte com tanta propriedáde,
Que apezar do teu génio era a cruéldáde,
Quem dava á tua acçaõ o fundamênto:

Em qnanto em fim de mil Expectadôres
Logràſte com completa ſegurança
O merecido premio dos louvôres:

Eu paſmava de vér-te ſem mudança
Fazer bello o carácter dos rigôres;
E até fazer formoſo o da vingança.

SO-

Em hum brinquedo particular que ſe fez em Amarante repreſentando Antonio Peixoto Pereira na tragedia de Belizario.

SONETO.

AS acçoens virtuoſas de Delmíra,
Diſcréto Magalhães, taõ bem figúras,
Que até na imitaçaõ das deſventúras
Só de te ouvír o coraçaõ ſuſpíra.

Ou ſeja a Arte, ou ſeja, que te inſpíra
O genio natural, tu nos procúras
Movêr em nós as attençoens mais púras,
Cada vez que o theátro a ſcêna víra.

Mas ſeja o douto eſtudo, o que te erúde;
Ou ſeja taõ ſómente a naturêza;
Dizer qual mais te améſtra eu nunca púde.

Só ſei que repreſentas com deſtrêza;
Pois tens no peito o enſaio da virtúde,
E no proprio ſemblante a gentilêza.

SO-

No meſmo brinquedo, repreſentando Jozé de Magalhães e Menezes na Comedia da Bella Salvagem.

SONETO.

DOs annos a continua concurrência
Pouco a pouco deſtróe todo o vivênte,
A féra mais robûſta, o gádo, a gênte,
E a planta de mais firme corpolência.

Abate até dos montes a eminência:
Gaſta os duros metaes: ultimamênte
Naõ há couſa no mundo taõ valênte,
Que fórme contra o tempo reſiſtência.

Por mais repáros que a cautélla tráça,
Elle ſempre caminha; e a paſſo lênto
Tôrres deſtróça, e muros deſpedáça.

Eu ſó do ſeu domínio vivo izênto;
Pois por mais q̃ elle corra, e mais que fáça,
Nunca póde extinguir o meu tormênto.

SO-

SONETO.

EM quanto na aſſemblêa a Senhoríta
Gaſta a jogar parte da noite eſcúra:
E de outra banda o Petimétre apúra
Huma Dáma de honôr, a quem viſíta:

Em quanto ao Rouxinol cantando imíta
A Donzella gentil ſôbre a coſtúra:
E em quanto o ſômno affugentar procúra
Mettida a ſentinélla na guaríta:

Eu deſpérto tambem; e até que a Aurôra
A's ſômbras raſgue o tenebrôſo manto,
Tempéro attento a cithara ſonóra:

E invocando do Pindo o Nume Santo;
Pois que jogar naõ vou; da meza fóra,
Da póbre minha bôlça a inópia canto.

SONETO.

POr mais que intente a douta Medicína
As vidas dilatar; inda atégóra
Contra a mórte cruél, que nos devóra,
Remédios naõ compôz, naõ deu doutrína.

Ella o relógio obſerva, onde ſe aſſígna
Aos míſeros mortaes a fatál hóra;
E aſſim que a vê chegar, a fouce arvóra;
E tudo entaõ deſtróe, tudo arruína.

Nada em fim lhe reſiſte: unicamênte
Dos annos dos Heróes a claridáde
O gólpe lhe rebáte, ou lho deſmênte.

Nos de Gaſpar ſe moſtra eſta verdáde;
Pois ſe vê que o ſeu nome adóra a gênte,
Eſcrito nos Padroens da Eternidáde.

P SO-

Aos annos de Sua Alteza

SONETO.

SE de Gaſpar contemplo, ora a Piedáde;
Ora o Sangue, que as vêas lhe circúla,
Naõ me atrêvo a julgar qual lhe accúmúla
Nos annos ſeus mais nóbre claridáde.

Com ella imita aos Céos, a ſantidáde
Com que eſte Auguſto Infante ſe intitúla:
E taõ conforme o reſplandor regúla,
Que medidas naõ ſoffre na igualdáde.

Que as faça quẽ ſouber: q̃ eu naõ intênto
Com debil penna, e com engenho rúde
Fazer-lhe diſtincçoens no luzimênto.

Naõ: pois por mais q̃ quiz inda naõ púde
Seperar-lhe do Régio Naſcimênto
O ſagrado Caráčter da virtúde.

SO-

Ao meſmo aſſumpto eſtando prezente S. A. na Academía em Guimarães.

MOTE.

A paz conſerva a candida virtude.

LOnge de Guimaraens, eſſes que a A'rte
Falſos principios forma; onde ſómênte
A diſtincçaõ de huma fingida frênte,
E naõ o coraçaõ, tem nelles parte.

Longe a diſcordia vã, filha de Marte;
Os crimes, a vingança, finalmênte
Tudo quanto inquietar no mundo a gênte
Se retire daquí, daquí ſe aparte.

Porque Gaſpar aquí nos predomína,
Aquí com mil exemplos nos erúde,
E fáz dos annos ſeus ſacra Doutrína;

Pois nelles reconhece, inda o mais rúde;
Que ſe a guerra os furores nos enſína,
A paz conſerva a candida virtude.

Dado na meſma Academia.

SONETO.

MUſas, a Deos, que a voſſa melodía
Naõ poſſo já ſoffrer; foi tempo: agóra
Occultar quero a cithara ſonóra,
Onde nunca mais veja a luz do día.

Rouca a voz, tarda a maõ, e a idéa fría
Querem que eu vá deſta aſſembléa embora:
Sábios tem ella Alumnos; e eu de fóra
Lhe ouvirei novos modos de harmonía.

O objecto della hé grande; e na verdáde
Esforços requeria mais que humanos
Em huma acçaõ de tanta authoridáde.

Mas ſe eu naõ poſſo mais; aos Céos ſob'ra-(nos
Rogarei que por bem da noſſa idáde
A Feniz conte de Gaſpar os annos.

SO-

Na meſma Academía.

SONETO.

SE de Nize contemplo o caſto peito,
Se o ſemblante gentil, inda atégóra
Julgar naõ ſei qual mais a condecóra;
Qual fáz nos coraçõnes maior effeito.

Por honeſta nas Aras do reſpeito,
Por gentil, nas do amôr tanto ſe adóra;
Que o meſmo culto, que lhe offreço, ignóra,
Qual maior impreſſaõ em mim tem feito.

Por mais em fim que attentamênte eſtúde
O ſeu decóro, a ſua gentilêza,
Saber qual hé maior, inda naõ púde.

Sei ſó que fico ſempre na incertêza,
Se ſe fáz mais amar com a virtúde,
Se mais obſequiar com a bellêza.

SONETO.

DA carga deſta vida em fim cançádo
Sacudílla de mim quizéra fóra;
Por ver ſe do ſeu pezo em alguma hóra
Me via inteiramênte aligeirádo.

Se hé certo, q̃ além della hũ deſgraçádo
Póde ir viver onde a ventura móra,
A quizera ir lograr; mas atégóra
Me dilata eſſe bem o duro fádo.

Elle naõ quer que a Párca o fio córte;
Que os alentos vitáes taõ firmes áta,
Que reſiſte á tiſoura inda a mais fórte.

E quer moſtrar aſſim que hé tanto ingráta;
Que como para mim hé goſto a mórte,
Quer ſer cruél até quando naõ máta.

SO-

SONETO.

SEja qual fôr, ninguem do proprio eſtádo
Queixas deve formar, pois reſiſtencia
Naõ ſe póde fazer á permanencia
Do ſyſtêma, em que o mundo eſtá fundádo.

Quanto há de ſer, e quanto tem paſſádo
Eſtá nelle com tanta conſiſtencia,
Que a naõ lhe aniquillar a propria eſſencia,
Naõ póde ſer pelos mortaes mudádo.

Vive o Paſtor na ſérra endurecída,
Na mólle Curia o Rey; e a tudo a ſórte
Com ſua independencia nos convída.

Se pois tudo vem della; ſe ſuppórte:
E ſoffraõ-ſe os trabalhos deſta vída,
Por fazer menos dúra a negra mórte.

SONETO.

ROmpe o tempo voráz a corpolencia
Das pédras, dos metaes, dos trôncos dúros,
E até lhe cedem os valentes múros,
Que a Mavórte fizeraõ reſiſtencia.

Os edificios proſtra; e ſem clemencia
Derrubando os repáros mais ſegúros,
Aos Thronos ínclitos, e aos Templos púros
Nega o reſpeito, e falta á reverencia.

Só por ti, gentil Nize, attento páſſa,
Sem q̃ dos ſeus deſtroços, dos ſeus dámnos
Alguma ſombra no teu roſto fáça.

Es ſépre bella; e aos dótes teus ſob'rános
Augmentas nóva luz, e nova gráça
No dia, em que celébras os teus annos.

SONETO.

SE cada qual trouxeſſe ſôbre a frênte
Dos occultos pezares hum traſládo,
Talvez que o que parece affortunádo
Se converteſſe entaõ em deſcontênte.

Naõ: ninguem quer moſtrar á demais gênte
Que traz dentro do peito algum cuidádo;
Por iſſo finge hum rôſto ſerenádo,
Ao meſmo tempo que os ſeus males ſênte.

Eu ſó ſinto hum taõ bárbaro tormênto,
Que tanto me anguſtía, e opprime tanto,
Que já para o callar naõ tenho alênto;

E dou a conhecer com novo eſpanto
O meu mais eſcondido ſentimênto
Nas publicas correntes do meu pranto.

SONETO.

AQuí junćto do Támega que déſcè
Formando em cada penha huma caſcáta,
Onde na eſpuma dos criſtais retráta
O már que em flór rebenta, e ſe enfuréce:

Aquí para que o Rio mais ſe apréſſe
A chegar, onde vive a minha ingráta,
E unido ao Douro os altos muros báta,
Com que o ſoberbo Porto ſe guarnéce:

Aquí os males meus chamar intênto,
Por ver ſe huma maior velocidáde
Do Rio as agoas com meu pranto augmênto.

E ſendo teſtemunhas da verdáde,
Lhe vaõ moſtrar o meu final tormênto,
E criminár-lhe a ſua cruéldáde.

SO-

SONETO.

RElampeje, trovóe; e cênto a cênto
Cáiaõ ráios do Céo, que eu ſocegádo
Tudo vendo eſtarei ſem mais cuidádo,
Que o da cauſa gentil do meu tormênto.

Elle tanto me occupa o penſamênto,
Que de outro mal naõ poſſo ſer lembrádo;
Inda que ſôbre mim deſpenhe o fádo
Quantos Aſtros encérra o Firmamênto.

Inda ſe eu viſſe o fim da Redondêza,
Que circumda a paſmóſa Immenſidáde,
Que méde a tantos Orbes a Grandêza;

Inda entaõ na medônha eſcuridáde
Da ruina total da naturêza,
Só me lembrára a minha ſaudáde.

SONETO.

QUe huma Dama gentil ſonóra cante,
Que dance déſtra, e até que vérſos fáça,
Naõ ſe deve eſtranhar; porque iſſo hé gráça,
Que mais airóſa a fáz, que a fáz galante.

Que tóque, que paſſêe, e que brilhante
A's aſſembléas vá, por móda páſſa;
E tudo o que ella ordêna, e que ella abráça,
Hé para a deſculpar cauſa baſtante.

Tudo lhe dou: que a noſſa idáde agóra
Das ruſticas cautelas de algum día
As pezadas correntes lançou fóra.

Só naõ ſôffro a raſgada cortezía,
Que fáz que huma vilã ſe condecóra,
Chupando Dom, lambendo Senhoría.

SO-

SONETO.

TUdo a guerra deſtróe, com tudo bóle;
Sem que ninguem do ſeu furor ſe izênte:
Os Palacios, os Templos, finalmênte
Nada ſe encontra que ella naõ deſóle.

Na Campanha atropélla a relva mólle;
Rompe no boſque a planta mais valênte,
Os animaes devóra; e a pobre gênte
Afugenta, captiva, máta, engóle.

Hum ſupplicio hé do Céo, quando elle irá-(do
A eſpada da juſtiça deſencerra
Por caſtigar do mundo algum peccádo.

Com ella deſpovôa a triſte terra;
Pois da péſte, e da fóme accompanhádo
Andar coſtuma ſempre o mál da guerra.

SONETO.

ASsim que naſce o miſero Innocênte,
Perde eſte nome; e em lagrimas banhádo
Confeſſa que a penar hé condemnádo
Pela culpa fatál de ſer vivênte.

Ella hé taõ grãde, e o fáz taõ delinquên-(te,
Que ſe chega a morrer naquelle eſtádo,
Parece que valer-lhe o Céo ſagrádo,
Ou naõ póde, ou naõ quer, com ſer clemênte.

Elle póde, e elle quer, mas na verdáde
Foi a culpa de Adam taõ gráve, e fórte,
Que inficionou a toda a humanidáde.

E fez tanto infeliz a noſſa ſórte,
Que ſem ter compaixaõ da tenra idáde
O meſmo Céo o ſentencéa á mórte.

SONETO.

NEſte día o mais triſte, e o mais ſagrá-
(do,
Que o tempo nos ſeus circulos numéra,
No qual por cõpaixaõ dos Céos na Eſphéra
O Sól ficou ſem luz todo eclipſádo:

Neſte fúnebre día, dedicádo
A' mórte mais cruél, e a mais ſevéra;
Porque nelle a memória conſidéra
Naõ menos do que hum Deos crucificádo:

Neſte día immortal, que a toda a gênte
Commóve os coraçoens para a ternúra,
Entre os mais fico ſem chorar ſómênte;

Pois mais rebélde o meu, q̃ a pedra dúra
Vê, e ſem ſe quebrar, da Cruz pendênte
O meſmo, que ſalvar-me hoje procúra.

SONETO.

NAsce comnosco o génio, e companhía
Nos fáz, Senhor, com tal tenacidáde,
Que mudar-lhe naõ póde a propriedáde,
Nem inda até do tempo a valentía.

Hum heróico peito principía
Logo a brilhar na flôr da mocidáde:
Creſce, dura, e por fim em toda a idáde
Hé ſempre o meſmo, e nunca ſe varía.

Vós hoje exemplo dais deſta firmêza,
Que fáz mover os coraçoens humanos,
Sem nunca lhe alterar a naturêza;

Pois ſaõ por liberáes, por ſoberanos;
E por nunca mudarem de grandêza,
Sempre os meſmos no génio os voſſos annos.

SO-

Aos annos de Sua Alteza.

SONETO.

PAſſo triſte a manhã, a tarde, o día,
E a meſma noite ſem dormir lamênto;
Que quem padéce hum taõ cruél tormênto,
Téme na luz, na ſombra ſe anguſtía.

Vivo ſó por ſoffrer a tyrannía
Dos males meus; que a vida que ſuſtênto
Naõ me ſerve de mais que de alimênto
Do pezar, da triſteza, e d'agonía.

Hum alivio ſó há, que me ſegúra
De que tem de acabar mágoa taõ fórte,
Levando-me bem cêdo á ſepultúra.

Mas oh quãto hé funeſta a humana ſórte!
Se para nos dar fim á deſventúra
Primeiro fáz ſoffrer o horrôr da mórte.

SONETO

O' Tu, fábio Orador, naõ da Eloquencia
Das humanas paixoens; mas da Celéſte;
Que de taõ longe a converter viéſte
Os filhos de Amarante á penitencia:

Tu que avivar na ſurda conſciencia
Os mordázes remórſos me fizéſte:
E o q̃ inda hé mais; tu, q̃ abrandar podéſte
Da minha contumácia a reſiſtencia:

Tu forceja, combáte, e continúa,
Até que o grilhaõ dúro, que me arráſta,
Da Santa voz aos golpes ſe deſtrúa.

Em fim, do precipicio tú me afáſta;
Que a naõ ter maior fructo a Miſſaõ túa,
Que a minha converſaõ; eſſe te báſta.

SONETO.

PArte, ó Sácro Orador; e faze embóra
Em outro Clima a luz do Céo patênte:
Officio hé teu; e o mundo tem mais gênte,
Que como nós o teu ſoccôrro implóra.

Triſte Amarante fique; e ſe demóra
A partida cruél te naõ conſênte,
A auzencia tua o noſſo amôr lamênte;
E tu lhe acceita as lagrimas, que chóra.

Se tu ſoubeſte; e ſe podeſte tanto,
Que dos olhos da noſſa iniquidáde
As chegou a arrancar teu zelo Santo;

Leva com tigo ao menos por piedáde,
Eſtas que hoje derrama o noſſo pranto,
Para dar-te huma próva da ſaudáde.

SONETO.

NEſte mundo naõ há quem da cenſúra
Izento a viver chegue ; porque a gênte
Muitas vezes d'acçaõ, que hé mais decênte,
A vê por outro ládo ; e nos murmúra.

Critíca-ſe huma Dáma, que procúra
Fugir das aſſembléas; e igualmênte
Da que nellas ſe quer fazer patênte,
Talvez o pondonôr ſe desfigúra.

Huma, dizem, que tem o génio rúde:
Outra, que ſe encaminha ao precipício:
E em cada qual o bem, e o mál ſe illúde.

E aſſim com hum ſatírico artifício;
O que ás vezes em ambas hé virtúde
A crítica mordáz figura hum vício.

SO-

SONETO.

ORa Nize ſe rí, ora lamênta,
Ora ſe off'rece, ora ſe difficúlta;
Ora nada me acceita, ora me múlta;
Ora me aníma, ora me deſalênta:

Ora gôſtos me dá, ora atormênta,
Ora ſe deixa vêr, ora ſe occúlta;
Ora mimos me faz, ora me inſúlta;
Ora toda hé bonança, ora tormênta:

Ora me faz gellar, ora me accênde;
Ora alento me dá, ora me eſpanta,
Ora ſôlto me traz, ora me prênde:

Ora triſte me tem, ora me encanta;
Ora ſim, ora naõ; ninguem a entênde;
Ora he hum Diabo, ora hé huma Santa.

FIM.